



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ANA KAROLINE ALMEIDA DOS SANTOS

**MEMÓRIAS LEITORAS:
Um estudo acerca das práticas de leitura de jovens do grupo de pesquisa Relicário
(CNPq/UFS)**

**Itabaiana
2020**

ANA KAROLINE ALMEIDA DOS SANTOS

MEMÓRIAS LEITORAS:

Um estudo acerca das práticas de leitura de jovens do grupo de pesquisa Relicário
(CNPq/UFS)

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia, do Departamento de Educação do Campus Universitário Prof. Alberto Carvalho, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Roselusia Teresa de Moraes Oliveira.

Coorientador: Prof. Dr. João Paulo Gama Oliveira.

Itabaiana
2020

ANA KAROLINE ALMEIDA DOS SANTOS

MEMÓRIAS LEITORAS:

Um estudo acerca das práticas de leitura de jovens do grupo de pesquisa Relicário (CNPq/UFS).

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia, do Departamento de Educação do Campus Universitário Prof. Alberto Carvalho, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Roselusia Teresa de Moraes Oliveira.

Coorientador: Prof. Dr. João Paulo Gama Oliveira.

Aprovada em: 7 de abril de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Roselusia Teresa de Moraes Oliveira
(Orientadora-DEDI/UFS)

Prof. Dr. João Paulo Gama Oliveira
(Coorientador-DEDI/UFS)

Prof. Dr. Paulo Sérgio da Silva Santos
(DEDI/UFS)

Profa. Dra. Ana Márcia Barbosa dos Santos Santana
(CODAP/UFS)

ITABAIANA
2020

Dedico esta produção a todos que me ajudaram, de alguma forma, nessa caminhada, principalmente à minha família, minhas companheiras de pesquisa, e sobretudo, aos meus orientadores.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por estar sempre comigo, principalmente nos momentos em que mais precisei de ajuda. Nas horas de desânimo e tribulação foi Ele quem segurou a minha mão.

Agradeço à minha família que não mediu esforços para que meus sonhos pudessem se concretizar, em especial à minha mãe e minha filha por serem minha fortaleza.

À minha amiga e irmã do coração Finha Alves que sempre acreditou que eu fosse conseguir chegar até o fim, sempre me apoiou e cuidou de mim. Você estará sempre no meu coração.

Às minhas amigas universitárias Paulinha e Aninha, pelos momentos vividos de união e ajuda mútua. Juntas nos tornamos fortes. À Tati, com quem vivenciei o Estágio III, minha companheira de pesquisa e estágio. Ana Júlia, Amanda Kelly, Pricila, Sheilla Beatriz, Viviane e Zélia que também dividiram comigo alguns dos melhores momentos da minha vida, sou muito grata por isso. Enfim, agradeço a todos os meus colegas de graduação.

Em especial, agradeço ao Grupo de Pesquisa *RELICÁRIO*, o qual tive a honra de participar, contribuindo para a edificação da minha trajetória formativa e leitora. Os momentos vividos nesse Grupo de Pesquisa foram especiais e marcantes.

Não poderia deixar de agradecer aos meus professores, todos, sem exceção, por fazer parte do meu crescimento tanto profissional quanto pessoal. Nos formamos com as experiências vividas com o outro. Por isso, todas as pessoas que passaram por minha vida acadêmica contribuíram para conclusão desse trabalho.

Quero agradecer também à direção da instituição em que trabalho atualmente, a qual serviu para mim como um suporte e auxílio no desenvolvimento das minhas práticas pedagógicas e de leitura, a todos os professores do Colégio Antônio Barreto de Lima, em especial à minha amiga Adanilza (Dani) por me escutar durante os momentos de desânimo e que precisava desabafar, principalmente na fase final de conclusão do meu trabalho.

Obrigada também pelas orações, das amigadas em Deus, que pude fazer recentemente. O Senhor ouviu todas as nossas preces.

A todos, os meus sinceros agradecimentos!

*“Se eu orar, se eu não me desesperar,
se eu não esmorecer, minha fé vai crescer
E a vitória eu alcançarei no nome de Jesus...”*
(Se eu orar, Eliana Ribeiro)

RESUMO

Este trabalho versa acerca das memórias que envolvem práticas de leitura das participantes do Grupo de Pesquisa Rede de leituras inscritas, cultura letrada: apropriação, representação e operação do ato de ler (RELICÁRIO) da Universidade Federal de Sergipe, Campus Professor Alberto Carvalho e cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) desde 2016. Busquei analisar e apresentar as memórias de leitura, da infância, perpassando o período escolar até a vida acadêmica. Em especial, procuro destacar o lugar do Grupo de Estudos e Pesquisas RELICÁRIO em tais práticas. Para o desenvolvimento da pesquisa, segundo a natureza dos dados, foi adotada a abordagem qualitativa. Para a coleta de dados, realizou-se uma oficina, como também houve a aplicação de questionário e entrevista. Todo esse instrumental teve o intuito de obter informações mais consistentes em relação ao objeto de estudo. A oficina contou com a participação de seis sujeitos, todos eles do sexo feminino e integrantes do mencionado Grupo de Pesquisa. Os dados foram explorados a partir do referencial teórico de diferentes estudiosos. Com relação às práticas de leituras dialogamos com Chartier (1998), Abreu (2006) e Petit (2009). Já sobre o conceito de memória buscamos amparo em Le Goff (2003), Artières (1998) e Nora (1981). Os resultados dessa pesquisa revelam como os modos de ler de cada leitora são distintos, as formas que se apropriam do conteúdo da obra e que acolhem as experiências de leituras dos diversos contextos sociais ao longo da vida. As memórias de leitura de cada uma são singulares e as experiências desde a infância até o período atual em que se encontram são responsáveis por suscitar, muitas vezes, o gosto literário e até mesmo o suporte material do livro.

Palavras-chave: Grupo de Pesquisa Relicário. Leitoras universitárias. Memórias. Práticas de leitura.

ABSTRACT

This paper deals with the memories that involve reading practices of the participants of the Research Group entitled Network of registered readings, literate culture: appropriation, representation and operation of the act of reading (RELICÁRIO) of the Federal University of Sergipe, Campus Professor Alberto Carvalho and registered with the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq) since 2016. I sought to analyze and present his reading memories, from childhood, spanning the school period to academic life. In particular, I seek to highlight the place of the RELICÁRIO Study and Research Group in such practices. For the development of the research, according to the nature of the data, the qualitative approach was adopted. For data collection, a workshop was held, as well as a questionnaire and interview. All this instrumental was intended to obtain more consistent information in relation to the object of study. The workshop was attended by six subjects, all of them female and members of the mentioned Research Group. The data were explored from the theoretical framework of different scholars. With regard to reading and practices, we dialogued with Chartier (1998), Márcia Abreu (2006) and Petit (2009). Regarding the concept of memory, we seek support in Le Goff (2003), Artières (1998) and Nora (1981). In summary, these authors helped to understand the topic addressed, which I used as a theoretical contribution. The results of this research reveal how the ways of reading of each reader are different, the forms that appropriate the content of the work and that welcomes the experiences of reading from different social contexts throughout life. The reading memories of each one are unique and the experiences from childhood to the current period in which they find themselves are responsible for raising, many times, the literary taste and even the material support of the book.

Keywords: Reliquary Research Group. Memoirs. Reading practices.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Resposta dos sujeitos entrevistados	32
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

RELICÁRIO	Redes de leituras inscritas: apropriações, representações e operações do ato de ler	11
UFS	Universidade Federal de Sergipe	11

SUMÁRIO

1	“A LEITURA FAZ PARTE DA VIDA”: MEMÓRIAS DE UM PERCURSO	
	11
2	UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE AS PRÁTICAS DE LEITURAS E AS	
	MEMÓRIAS: ENTRE CONCEITOS E VIVÊNCIAS.....	16
2.1	E afinal, onde fica a memória?	21
2.1.1	Minhas memórias: as marcas da leitura em mim	23
3	UM OUTRO OLHAR SOBRE A LEITURA: O QUE AS LEITORAS DO	
	RELICÁRIO TEM A NOS DIZER?	29
3.1	“Cada um dos leitores produz uma imagem de si”	32
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
	Referências	46
	Apêndices	48

1 “A LEITURA FAZ PARTE DA VIDA”: MEMÓRIAS DE UM PERCURSO...

Este trabalho versa acerca das práticas de leitura bem como das experiências das participantes do Grupo de Pesquisa intitulado *Rede de leituras inscritas, cultura letrada: apropriação, representação e operação do ato de ler* (RELICÁRIO)¹ da Universidade Federal de Sergipe (UFS), campus Professor Alberto Carvalho, localizado em Itabaiana/SE. Cadastrado desde o ano de 2016 no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o grupo cumpre diversas atividades que envolvem o ensino, a pesquisa e extensão com o propósito de potencializar espaços que promovam a leitura por fruição, seja por meio da participação em projetos de pesquisa de caráter nacional e internacional, ou ainda na realização de feiras de trocas de livros, ou em reuniões de estudos, assim como também por meio de oficinas de leitura literária realizadas em escolas da rede pública do município e igualmente para os acadêmicos da Universidade Federal de Sergipe. Partindo dessas experiências formativas, busquei analisar as histórias de leitura das integrantes, desde a infância, perpassando o período escolar até o meio acadêmico em que se encontram. Em especial, busco destacar a importância do Grupo de Pesquisas RELICÁRIO para as práticas de leituras desse Grupo de estudantes, como *locus* que evocam e potencializam as memórias ligadas ao ato de ler.

A leitura faz parte da vida. Está implícita nos significados extraídos das experiências cotidianas. Já dizia o autor Paulo Freire que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra (2008, p. 15)”. O homem lê o mundo ao seu redor e faz isso o tempo todo, mesmo antes de conseguir dominar as normas oficiais da linguagem escrita, fenômeno esse que se prolonga por toda a vida.

Mesmo a escola sendo a instituição oficialmente criada com o intuito de transmitir a cultura escrita, é, desde cedo, no seio familiar, que se estabelecem os primeiros contatos com as práticas de leitura, sejam elas escritas ou orais. Estudos indicam que histórias orais transmitidas de pais para filhos, leitura da Bíblia ou textos religiosos, ou mesmo o manuseio do livro, implica na relação estabelecida entre o texto e o leitor constituindo assim a subjetividade de cada sujeito.

De acordo com a pesquisa de Silva (2008), percebe-se que as práticas marginais de leitura estabelecidas no meio familiar produzem sentidos para as crianças. Desse modo, há

¹ O Grupo de estudos e pesquisas cadastrado no Conselho Nacional de Pesquisa Qualificada (CNPq), e Banco de Grupos de Pesquisa da UFS, desde 2016, realiza atividades de pesquisa e extensão voltadas para ações de fomento à leitura tanto no espaço acadêmico, como também em escolas da rede pública de ensino e comunidade em geral. O Grupo é coordenado pela Professora Dra. Roselusia Teresa de Moraes Oliveira (UFS).

uma preocupação em dar continuidade às práticas vividas na escola buscando interligar com as práticas também vivenciadas fora dela. Não são somente as práticas formais realizadas na escola como também as leituras feitas em espaços informais, formam o leitor. Muito do que é vivido ainda criança contribui para despertar o gosto por tais práticas bem como implica na construção da subjetividade e memória de cada um.

Ao me defrontar com histórias de leituras no curso de Licenciatura em Pedagogia, me surpreendi com a forma com que estudantes em formação relembavam suas práticas de leitura e como as mesmas trazem impacto para a vida das pessoas. Pude também reconhecer a mim mesma ao recordar minhas práticas de leituras. O contato com as histórias de leitura, os gostos e desgostos pelo ato de ler me fizeram refletir acerca do impacto das leituras na vida das pessoas.

O interesse em investigar o tema “Memórias de leitura” decorre das minhas experiências formativas enquanto acadêmica do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Sergipe, e a participação no Grupo de Pesquisa RELICÁRIO. Além disso, a convivência com colegas e docentes mediante diversas ações gerou a curiosidade em saber quais as “marcas de leitura” impressas na vida das pessoas. Além disso, busquei associar as memórias e as práticas de leitura uma vez que é inegável a contribuição das mesmas para o processo formativo tanto profissional quanto pessoal.

Enquanto graduanda, participei como voluntária do Programa de Iniciação Científica (PIBIC-VOL) vinculado à Universidade Federal de Sergipe, no campus de Itabaiana cujo tema da pesquisa consistiu em investigar “Práticas de leitura de acadêmicos do Curso de Pedagogia²”. Logo em seguida, ingressei no RELICÁRIO, o qual promove

² O projeto foi desenvolvido nos anos de 2016 e 2017, para saber mais ver resumo: O presente trabalho apresenta resultados do projeto de pesquisa “Práticas de leitura dos acadêmicos do curso de Pedagogia (UFS): modos e usos de ler o impresso e o digital”, coordenado pela professora Dra. Roselusia Teresa de Moraes Oliveira. O enfoque dado consiste em analisar os modos de ler dos discentes dos primeiro, terceiro e quinto períodos, durante os semestres letivos 2016/02 e 2017/01. Os resultados da presente pesquisa identificaram quatro eixos principais de análise, sendo eles: “como lê?”, “o que lê?”, “onde lê?” e “por que lê?” (DARNTON, 1995). Esses eixos correspondem aos modos de ler, uma vez que essas perguntas envolvem diretamente as práticas de leitura e localizam o “onde” da leitura, contextualizando o leitor e o seu espaço. A análise dos dados revela estudantes-leitores que possuem práticas de leitura silenciosa e individual, feitas em espaços privados e públicos. Percebe-se também a preferência entre os leitores pelo suporte impresso, pois esse tipo de suporte pressupõe originalidade e praticidade, conforme algumas justificativas coletadas dos dados investigados. Os leitores pesquisados demonstram uma variedade de atividades de envolvimento com o suporte de leitura ao utilizar vários espaços de escritas virtuais e impressos como possibilidade de leitura acadêmica, literária ou de informação. Por fim, a pesquisa problematizou práticas específicas que definem: processos de construção de sentido, interpretações decorrentes da leitura, condições de leitura e os seus processos, ou seja, as “operações de produção de sentido”. Neste sentido, a produção de sentido em leitura significa explicitar como os leitores compreendem a si próprio e o mundo, por meio da relação estabelecida com o “mundo do texto”, em sua relação com o suporte impresso e/ou virtual. Portanto, a leitura é entendida como um “ato concreto” que requer leitores dotados de “competências específicas” e caracterizados pela sua prática de ler que constrói sentidos. Palavras-chave: Leitura. Leitores. Modos de Ler. Impresso. Virtual.

periodicamente feiras de troca de livros, além de reuniões periódicas para leitura e debates de autores relacionados a leitura, como também poesia, literatura e etc.

A pesquisa bibliográfica realizada sinalizou a percepção da relação entre *leitura, memória e práticas leitoras*, como o eixo de investigação central deste estudo. A pesquisa bibliográfica torna-se um instrumento muito importante para análise de dados uma vez que “[...] é o meio pelo qual se busca o domínio do estado da arte da literatura do tema da pesquisa, através do levantamento bibliográfico de publicações impressas e/ou eletrônicas;” (MENDONÇA, 2011, p. 14). A forma como as práticas de leitura traz impacto para a vida de cada pessoa diz muito sobre o futuro leitor a ser formado. Nesse sentido, recorro às memórias de estudantes do curso de Pedagogia no tocante às práticas de leitura desenvolvidas no Grupo de Pesquisa como também em outros períodos de suas vidas.

Enquanto pesquisava e refletia sobre como e o quê escrever, senti a necessidade de apresentar minha trajetória leitora, as minhas memórias de leitura. Com elas consegui perceber os sentidos produzidos pela leitura. A forma com que a mesma foi se constituindo ao longo da minha vida reflete o sujeito leitor que sou hoje. Por isso apresentarei, a seguir, minha relação estabelecida com os livros.

Por meio de uma “mediadora de leitura” que conheci na Universidade enquanto professora, mas também amiga, e que seria futuramente minha orientadora, pude retomar minhas práticas de leitura. Digo “minhas” porque cada um tem a sua. Cada história é singular e mesmo passando por experiências escolares e não escolares muito próximas, cada pessoa estabelece uma relação com a leitura de uma forma pessoal, singular, à sua maneira.

De início pensei em não restringir a pesquisa aos estudantes do curso de Pedagogia, abrindo espaço para todos os estudantes da Universidade situada no campus de Itabaiana - SE. Porém com o desenrolar da pesquisa, foi feita a delimitação das acadêmicas do Curso de Pedagogia que participam do grupo de estudos e pesquisa RELICÁRIO tendo em vista os objetivos centrais desta investigação. Recorrer às memórias dessas leitoras significou desenhar um traçado sobre as nuances da formação inicial até atingir o espaço universitário, e isso significou admitir os espaços educacionais formais e não formais nos processos de aprendizagem.

Ao escolher o tema pensei em me debruçar sobre um assunto íntimo que me deixasse confortável, que me fizesse ser capaz de “encher” a tela do computador ou a folha”. A escrita autoral é de suma importância uma vez que apresenta o conteúdo próprio do autor, aquilo que ele se apropria, tem conhecimento e intimidade para escrever. Nesse trabalho apresento minhas memórias, mas também as memórias do outro, daqueles que de certa forma

contribuíram com a minha caminhada acadêmica e leitora. Assim, apresento as práticas leitoras daqueles que muitas vezes não são vistos nem ouvidos.

A justificativa anterior, apresentada brevemente, evidencia a escolha por escrever sobre “Memórias de leitura” em um trabalho monográfico de conclusão de curso. Esse assunto me renderia muitas páginas, pois essas lembranças ficam vivas na memória. E ao recordar tais fatos consigo refletir acerca da minha prática profissional como futura “incentivadora” de leitura. Partindo desse princípio, memória é compreendida como uma “[...] prática íntima, o arquivamento do eu muitas vezes tem uma função pública. Pois arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte” (ARTIÈRES, 1998, p. 29).

Contudo, afirmo que, essa pesquisa traz contribuições para o contexto acadêmico e não acadêmico. Na academia, o estudo suscita a autorreflexão e o autoconhecimento acerca da própria individualidade como leitor. Na vida, evoca momentos únicos de extrema significação perpassando a história bem como as transformações sociais. Por fim, resalto a indissociabilidade entre a leitura e a vida. Somos eternos leitores!

Diante o exposto o objetivo principal gira em torno da seguinte questão: Quais são as memórias dos modos de ler das leitoras e participantes do Grupo Relicário? E assim, a partir desse eixo articulam-se as demais questões norteadoras do estudo: De que forma a participação no Grupo de Pesquisa contribui para o estabelecimento das práticas de leituras dessas estudantes? Quais são as suas formas de participação no Grupo de Pesquisa e as respectivas ressonâncias nas práticas de leitura das acadêmicas em Pedagogia. Nesse sentido, entende-se as práticas de leitura como [...] construções históricas e socialmente desenvolvidas, numa determinada época e ambiente, resultado de uma cultura de indivíduos que tem suas históricas marcadas por eventos escolares e sociais, armazenados na memória, incorporados em suas trajetórias pessoal e profissional [...] (SOUSA, 2014, 65-66). Cada período histórico é marcado por determinada prática que se interliga com os objetivos e finalidades de leitura que se espera em cada um desses momentos.

Com relação às práticas de leitura, Roger Chartier revela que “[...] a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler.” (1998, p.13). Assim, o autor relaciona a modificação das práticas de leitura com as transformações do suporte material do livro. Ou seja, os modos de ler ou a forma como as pessoas se apropriam da leitura tem relação íntima com o livro, com o tipo de suporte que se escolhe ler. Os processos de transformações do livro permitem identificar os modos de leitura bem como a finalidade desse processo para cada sujeito leitor, individualmente.

Para o desenvolvimento da pesquisa, segundo a natureza dos dados, foi adotada a abordagem qualitativa. Esse tipo de pesquisa preocupa-se “[...] com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica” (GONSALVES, 2011, p. 70).

Os instrumentos de coleta de dados, utilizou-se desde a realização de uma oficina, aplicação de questionário e entrevista, como forma de obter informações mais consistentes em relação ao tema, no que diz respeito aos procedimentos. A oficina contou com a participação de seis sujeitos, todos eles do sexo feminino e integrantes do referido Grupo de Pesquisa. Os dados foram explorados a partir do referencial teórico, de autores que compreendem, em síntese, os conceitos que serão discutidos ao longo da pesquisa.

Os principais autores aos quais recorri como aporte teórico, com relação à leitura bem como suas práticas foram: Chartier (1998), Márcia Abreu (2006) e Petit (2009). E com relação à memória os principais foram Le Goff (2003), Artières (1998), e Nora (1981). Resumidamente, esses autores auxiliaram a compreensão dos principais temas abordados.

As próximas seções tratam, primeiramente acerca da fundamentação teórica que sustenta essa pesquisa. A Introdução apresenta, de forma sucinta, o objetivo da pesquisa, a metodologia, a justificativa, os instrumentos de coleta dos dados, bem como a importância da presente pesquisa. O primeiro capítulo, trata acerca da discussão entre leitura, práticas e memórias. Já no segundo capítulo, apresento minhas memórias de leitura e participação no Grupo de Pesquisa. O último capítulo trata acerca das metodologias adotada e apresento as memórias de leitura das estudantes bem como análise dos dados. Por fim, tem-se as considerações finais do trabalho e os apêndices com a carta de concessão, o termo de consentimento e o questionário.

2 UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE AS PRÁTICAS DE LEITURAS E AS MEMÓRIAS: ENTRE CONCEITOS E VIVÊNCIAS

A leitura faz parte das nossas vidas, isso não se pode negar. Mesmo sem perceber, ela está ali presente em cada sentido que decorre das experiências do dia-a-dia. Sendo uma prática indispensável às exigências do mundo moderno, faz-se necessário sua aquisição de forma planejada, pois a mesma não é adquirida espontaneamente. Para uns ela é realizada de forma mais íntima e livre. Para outros, de forma obrigatória, em locais específicos. Por exemplo, há pessoas que leem por hobby em casa ou em um parque ao ar livre. Outras leem em espaços como escolas, bibliotecas ou universidades, mas não tem necessariamente um vínculo afetivo com a leitura. Há diversos modos de ler.

Paulo Freire afirma que o ato de ler “[...] não se esgota na decodificação da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo (FREIRE, 2008, p. 11).” Em suas palavras o autor mostra que a leitura vai muito além de práticas que se restringe à decodificação da linguagem escrita, tem relação com o mundo, ou seja, com os sentidos extraídos da relação estabelecida com ele.

Muito antes de entrar na escola já estamos em contato com situações diversas que carecem de interpretação as quais são atribuídos significados particulares. Antes de aprender ler podemos ler. Uma história ou uma música recitada por nossos avós, por exemplo, as expressões e gestos corporais no momento da leitura, as imagens contidas em um texto, todas essas situações têm algo a ser transmitido.

Uma das principais funções da leitura está ligada à comunicação. Apesar disso, a relação estabelecida por cada indivíduo com o ato de ler tem início geralmente na infância em razão das influências do contexto, principalmente o familiar, e se perpetua ao longo da vida. A autora Guedes-Pinto (2000) enfatiza a relação permanente com a leitura ao afirmar que a leitura “[...] relaciona-se fundamentalmente à vida, ao que nós vivenciamos dia-a-dia. Ela é praticada a todo instante, constituindo-se em um saber-fazer cotidiano que media o entendimento do mundo que nos rodeia e com o qual interagimos permanentemente” (p. 78).

De acordo com Sales (2018), a família exerce forte influência para o hábito da leitura, o incentivo desde cedo dos pais, para que seus filhos se tornem leitores, contribui para o futuro progresso do leitor na escola, a saber:

[a] família possui grande influência no desenvolvimento do aluno leitor, e precisa estar sempre incentivando os filhos a lerem, transmitindo conhecimentos que vão além da linguagem oral. Sendo assim, se os pais

adotam o hábito da leitura com os filhos, em casa, desde cedo existem grandes possibilidades das crianças desenvolverem suas habilidades de forma rápida e eficaz na escola (SALES, 2018, p. 40).

A partir da experiência adquiridas no seio familiar, escolar bem como de outros espaços, vão sendo constituídas práticas que se configuram no modo como o leitor age frente às situações que envolve a leitura. Todas as experiências deixam marcas, sendo elas positivas ou negativas que constrói um perfil singular de cada leitor.

Mesmo com o contato em casa, em muitos casos, é na escola que as práticas ganham força, são disseminadas. A escola tem por dever formar cidadãos leitores. A partir da entrada da criança nesse ambiente observa-se uma homogeneização e esquematização de práticas leitoras, a depender do perfil de cada instituição de ensino. Por isso, é papel da escola e também da universidade proporcionar espaços de leitura para os seus estudantes e não somente isso, mas também diversas experiências com a mesma, de modo que contribua para a formação plena do sujeito.

Chartier (1998) afirma que, cada leitor recebe uma obra de uma forma específica a depender do momento e da circunstância em que se encontram e depositam nela aspectos afetivos ou intelectuais mesmo sem ter a consciência disso. Diante dessa ideia, fica claro que cada sujeito tem um modo particular de ler e extrair aquilo que a leitura proporciona sob a influência de suas emoções e situações do momento.

As práticas de leitura, o modo como os textos são lidos, os sentidos que são produzidos acontecem de modo particular. A singularidade decorre, porém, das experiências vividas ao longo da formação pessoal do leitor e se transformam produzindo novas percepções acerca do conteúdo lido como também da forma de se relacionar com ele. Nesse sentido, entende-se que “[a] apreciação estética não é universal: ela depende da inserção cultural dos sujeitos. Uma mesma obra é lida, avaliada e investida de significações variadas por diferentes grupos culturais” (ABREU, 2006, p. 80). Nesse trecho, a autora confirma que o valor atribuído à uma obra por um grupo cultural pode ser diferente de outro, pelo fato de que cada cultura se identifica ou se apropria de aspectos estéticos específicos.

Portanto, pode-se dizer que de uma mesma obra são produzidos vários significados bem como a apreciação estética do conteúdo não é universal. Os gostos variam de cultura para cultura, de pessoa para pessoa, haja vista a complexidade que envolve as práticas do hábito de ler. Considera-se também as múltiplas situações que são importantes

para a formação do sujeito leitor, o qual estabelece sua relação com o livro da mesma forma que se relaciona com o mundo. Assim,

[as] leituras abrem para um novo horizonte e tempos de devaneio que permitem a construção de um mundo interior, um espaço psíquico, além de sustentar um processo de autonomização, a construção de uma posição do sujeito. Mas o que a leitura também torna possível é uma narrativa: ler permite iniciar uma atividade de narração e que se estabeleçam vínculos entre os de uma história, entre os que participam de um grupo e, às vezes, entre universos culturais. Ainda mais quando essa leitura não provoca um decalque da experiência, mas uma metáfora (PETIT, 2009, p. 15).

Desse modo, a construção do sujeito é resultado das leituras experimentadas. Toda a bagagem textual oferece a possibilidade para o (re)conhecimento do mundo interior, construindo assim uma identidade leitora. A leitura permite o estabelecimento de vínculos entre uma experiência e outra a fim de mediar e construir novos conhecimentos.

Ao falar em gosto pela leitura deve-se levar em consideração a preferência pelo suporte material do livro. Tanto a sua evolução quanto a relação que se estabelece com ele influencia a gostar ou não de ler o impresso, por exemplo. As diferentes utilidades, condições e ocasiões revelam a escolha por um determinado tipo de suporte.

Livro físico ou digital? Esse dilema que se encontra na atualidade de muitos leitores se repercute na prática. O tempo e as necessidades dos sujeitos inseridos em cada período histórico, demonstra a utilização do objeto em seu contexto no intuito de atender objetivos específicos. A modernidade e com ela as tecnologias modificam a relação do homem com o mundo ao seu redor. O mesmo acontece com o leitor, suas práticas vão sendo reinventadas após os avanços tecnológicos.

Na atualidade não é muito difícil notar a influência digital nas práticas leitoras e os modos do uso do livro impresso e digital. Ao longo do tempo a internet possibilitou a utilização de livros digital. A informação chega mais rapidamente na tela do smartphone ou computador e a velocidade com que as notícias chegam atrai os leitores. As formas de ler, o suporte do livro, até mesmo o que é lido, ganha novos contornos, ou seja, modificam - se.

“Nesse cenário de avanço das tecnologias, em especial com o crescimento do uso das redes sociais, é possível constatar novos modos de escrever e se comunicar, variadas formas e sentidos da leitura; conseqüentemente, isso também altera o modo como os leitores leem o livro impresso e como lidam com o texto virtual” (MORAIS, 2014, p. 24). A autora, de acordo com sua Tese de doutoramento, constatou os modos de comunicação, escrita e

leituras de sujeitos na internet, o que permite aos mesmos, variadas formas de se relacionarem com o texto virtual. O texto na tela do computador ou smartphone confere maior liberdade quanto a produção e reprodução de conteúdo a partir de textos literários.

As práticas virtuais entram em cena por gerar mais facilidade quanto a procura de textos. As pessoas têm acesso a um maior número de livros e informações tão rapidamente, sem ter a preocupação de sair de casa, podendo acessá-las a qualquer momento com ajuda da internet. Essa rapidez e agilidade é interessante para uns, mas há quem não abre mão do cheirinho do livro, de sentir as páginas do livro e até mesmo riscá-lo. O gosto por cada suporte seja ele impresso ou eletrônico atende perfis singulares de leitores. Em sua pesquisa, a autora, no tocante às práticas desses sujeitos, conclui:

[...] a prática de leitura inserida em uma cultura traduz-se por uma riqueza de detalhes e oferece a possibilidade de constituir significados e sentidos para o leitor. O ato de ler denota não apenas compreender os diversos códigos e elementos que constituem o objeto de leitura, mas situa os códigos sociais, as relações estabelecidas nos seus espaços de socialização (MORAIS, 2014, p. 60).

Diante dessas informações é notável a infinidade de situações que se somam às experiências do sujeito leitor. Sua trajetória de vida implica mais tarde na preferência por determinado gênero textual, suporte do livro ou a maneira como ele próprio lê. Não cabe aqui enumerar prática por prática, mas apresentá-las como forma de ajudar o próprio leitor compreender seu processo e distinguir os seus modos de ler.

Em contrapartida, há aqueles que não dispensam um papel. O livro impresso torna-se um objeto de valor, precioso para o leitor. O seu conteúdo estabelece um vínculo afetivo com a vida do sujeito, que ao ler determinada obra, identifica características do que foi escrito com aspectos da sua vida. Assim,

[...] é preciso compreender que a leitura desempenha um papel importante na formação de nossa subjetividade, na construção de nossas sensibilidades, ajuda a decifrar nossas experiências cotidianas, possibilita a “reinvenção da vida”, nos confronta com outras vozes, sendo assim, uma experiência formadora, lúdica, ética e estética e de confrontos e incertezas (PERES; THIES; RAMIL; 2016, p. 3).

Antes mesmo da invenção do livro impresso as pessoas possuíam hábitos de ler e se expressar. Após a criação do suporte impresso foram incorporados novos hábitos aliados aos já existentes. Da mesma forma com o computador, as práticas vão adquirindo novas formas e com elas vão se reinventando a maneira de se relacionar com o aspecto físico do livro. As maneiras de ler passam a ser reinventadas a partir da modificação da forma como o livro em sua estrutura é produzido.

Morais (2014) chama atenção para as transformações tecnológicas a que estão submetidos os livros, o leitor e suas práticas. Assim, ela descreve:

Instrumentos tecnológicos como celulares, smartphones, tablets, computadores notebooks, entre outros, possibilitam um conjunto de técnicas de criação, de editoração, de distribuição, ao alcance de um universo de pessoas muito maior em relação aos textos impressos. Além disso, são textos com formatos próprios que “dialogam” com outros textos e, assim, possibilitam um processo de criação em grupo, ou permitem um trabalho muito mais “coletivo” no qual os sujeitos interveem tornando-se coautores de um texto (MORAIS, 2014, p. 23).

Em alguns casos, o leitor tem tamanho afeto por um determinado livro que não passa pela sua cabeça a possibilidade de se desfazer do mesmo. Seja pela história contada que “mexe” com as emoções do leitor ou até mesmo pela estética. Muitos buscam um consolo para alguns momentos difíceis e se identificam com a obra escrita. Sendo assim,

[o] livro é, portanto (ou melhor, poderia ser, pois nem todos têm acesso a ele), a morada "natural" dos exilados, seu consolo. E, além disso, uma oportunidade de transformar o exílio em trunfo, de lhe conferir valor criativo. Pois ele pode ser fecundo, não apenas porque obriga a pessoa a recriar o solo que foi perdido, de uma maneira ou de outra, mas também porque coloca em relação culturas diferentes (PETIT, 2009, p. 109).

Essa relação com o livro se manifesta mediante a forma como é praticada a leitura. Ao investigar práticas de leituras muitos autores concluem em suas pesquisas diferentes formas de ler. Formas essas que podem ser hábitos culturais de uma época, adotadas por uma instituição escolar por exemplo, práticas religiosas e até mesmo aquelas adquiridas na família, em casa. Dessa forma,

[a] história longa da leitura fornece-nos elementos essenciais. Sua cronologia organiza-se a partir da identificação de duas mutações fundamentais. A primeira dá ênfase a uma transformação da modalidade física, corporal do

ato de leitura e insiste na importância decisiva da passagem de uma leitura necessariamente oralizada, indispensável ao leitor para a compreensão do sentido, a uma leitura possivelmente silenciosa e visual (CHARTIER, 1994, p. 187).

Outro fator ao qual o autor acima chama a atenção diz respeito a forma como uma mesma obra compreende significados diversos quando inscritas em formatos de suporte distintos. “A obra não é jamais a mesma quando inscrita em formas distintas, ela carrega, a cada vez, um outro significado” (CHARTIER, 1998, p. 71). É certo que o livro tem um sentido ou mensagem a ser transmitida. Porém, nem todos interpretam um texto da mesma forma. Cada pessoa tira sua lição, e, conforme for feita a releitura de uma obra novos sentidos são produzidos, podem ser múltiplas as interpretações.

É preciso situar o leitor quanto aos recursos disponíveis frente as situações de leitura. Quanto mais experiências favoráveis mais o leitor vai se constituindo e adquirindo modos particulares de estabelecer sua relação com o hábito de ler. O mundo precisa de sujeitos que não escute apenas ou que realize determinada leitura que lhes são impostas, mas que leia e argumente o seu ponto de vista, que tenham oportunidades e o contato com os diferentes estilos textuais.

No entanto não foge a responsabilidade da família ou da escola em especial, na garantia de que sejam transmitidas a cultura literária seja ela no âmbito regional, social ou mundial. Afinal, a leitura é uma prática universal que se constituiu antes mesmo da cultura escrita, há milhares de anos atrás. Ela vem se ressignificando ao longo dos tempos. Sua difusão compreende o conjunto das transformações sociais de um povo e por isso não pode ser esquecida nem negada, se é que isso seja possível. Dependemos dela para a vida.

2.1 E afinal, onde fica a memória?

Não se pode falar em leitura, sem falar em memória. A memória é uma fonte muito importante de investigação. É nela que ficam gravados os acontecimentos de nossas vidas desde a nossa infância. Embora umas coisas sejam lembradas facilmente, outras precisam de um gatilho para vir à tona. Alguns fatos marcam de forma positiva, outros nem tanto. Mas, esses fatos ficam guardados, em um espaço, na mente.

Antes mesmo de falar das memórias de leitura é preciso apresentar o(s) conceito(s) de memória cuja discussão implica a sua compreensão das formas de manifestação da memória bem como auxilia no processo de entendimento dos fatos.

Ao falar em memória logo vem à mente *lembrança* ou *fato Passado*. Essa maneira de pensar restringe a capacidade de reconhecer de fato o que deve ou não ser lembrado. Por exemplo, em algum discurso o sujeito revela apenas fatos positivos ou situações em que a emoção “fala mais alto”. Vale lembrar também que a memória não depende de nós mesmos, não se “forma” individualmente, mas na construção estabelecida entre nós e o outro. De acordo com Nora,

[a] memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. (1981, p. 9)

As marcas da memória ficam inscritas no nosso corpo e reflete a prática das nossas ações. Principalmente aquelas que de certo modo não nos fazem bem. As experiências negativas nos formam tanto quanto as positivas e tem um impacto para o modo de conceber o que devo ou não lembrar.

A memória também é um registro íntimo, parte delicada de ser evocada. Trazê-la para o presente significa reviver o passado. Essa relação com o tempo compõe a história dos sujeitos. Assim, “[...] o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal, quer pelos que se dedicam à ciência do passado [...], os historiadores” (LE GOFF, 2003, p. 535).

Barros faz uma crítica a maneira como muitas vezes entende-se por memória, de certa forma muito limitada. “Memória, na sua designação mais habitual, vulgar e cotidiana, corresponde muito habitualmente a um processo parcial e limitado de lembrar fatos passados, ou aquilo que um indivíduo representa como passado” (BARROS, 2009, p. 39).

As memórias de leitura são importantes fontes de acesso às significações das diferentes práticas que se tecem, no âmbito das particularidades do meio em que cada pessoa convive. Elas revelam as “partes principais” que tocaram o leitor, os livros, os lugares, as pessoas, ou seja, tudo aquilo que esteve vinculado aos fatos mais significativos de sua trajetória. Por isso, “[...] devemos pensar na Memória como instância criativa, como uma forma de produção simbólica, como dimensão fundamental que institui identidades e com isto assegura a permanência de grupos (BARROS, 2009, p. 37)”.

O resgate de partes principais da história de vida do sujeito evoca momentos que marcaram o corpo e a alma. À medida que fatos são lembrados, outros são ocultos e uns permanecem até mesmo no inconsciente não sendo revelados.

Nora (1981) afirma que a “[...] memória é, de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de nos lembrar (p. 15)”. Nesse sentido, lembramos apenas dos fatos que nos chamam mais atenção, que nos tocam. São revelados trechos significativos de memória, daquilo que permitimos lembrar.

Cabe a cada um de nós escolher o que lembrar. As memórias são fruto de nossas escolhas, em certa parte. Em nossa mente fica guardada tudo aquilo que traz impacto para a nossa vida. Temos o direito de revelar aquilo que é de nossa vontade, passagens ou recortes do tempo assim como aquilo que gostaríamos que o outro soubesse ao nosso respeito, ou seja, as partes que achamos mais significativas.

Tendo discutido “memórias” apresentarei a seguir traços daquilo que marcaram minhas práticas de leitura durante fases da minha vida, infância, escola e universidade, mostrando assim como minha relação com a leitura foi construída. Primeiramente, faz-se necessário essa compreensão para que então assim possa analisar as memórias das acadêmicas do Grupo de Pesquisa RELICÁRIO.

2.1.1 Minhas memórias: as marcas da leitura em mim.

A memória mais antiga que consigo lembrar acerca das minhas práticas de leitura compreende o período de minha infância, mais precisamente no ensino fundamental. Posso dizer que a experiência que tive nesse período escolar não foi muito incentivadora. Ou melhor, não tiveram fatos marcantes, por isso não tenho muitas recordações sobre leitura. Tais experiências com o livro não foram significativas para mim. Talvez por isso minha memória não tenha dado importância a essa prática.

Segundo Halbwachs (2003) nossas impressões durante a primeira infância não se ligam a nenhuma base, pois ainda não nos tornamos seres sociais. As relações que são estabelecidas em grupos fora da família nos formam enquanto ser social.

Embora não houvesse tanto o contato com os livros, alguns fatos se fizeram marcantes durante a minha infância e em especial no período do ensino fundamental menor.

Este último me reservou uma situação que contribuiu, digamos assim, para o meu distanciamento dos livros.

Permita-me contar um pouco da minha história. Lembro-me bem das experiências que tive em casa lendo gibis enquanto criança. Minha tia sempre trazia da casa de seus padrões, pois as revistinhas eram jogadas fora. Então eles procuravam um lugar para descartar. Esse lugar era a minha casa. Eu adorava, não lembro a mesma coisa das minhas irmãs. Tirando esse fato, me recordo já do ensino fundamental onde ganhei uma coleção de quatro livrinhos: um de poema, um de contos, um de história popular e o que eu mais amava, de novela, cujo título era “Uma professora muito maluquinha”.

O tal livro que eu mais amava me fez despertar o gosto pela profissão docente. Ah, eu viajava na história e ainda repetia leitura, muitas e muitas vezes. Quem diria, se na escola muitas vezes eu não sentia prazer pela leitura? E pra terminar a história, (a história que conto, não a minha escrita) apresento a situação conflitante em meu percurso como leitora.

Na terceira série, uma professora pediu que a classe se dirigisse a uma salinha, dispensa, almoxarifado, biblioteca... não sei ao certo. Lá encontramos uma mesa cheia de livros infantis, fazia gosto de ver. Todos escolhiam e retornavam para sala. Mas eu não conseguia encontrar. Lia um pedaço de um, um pedaço de outro, mas nada me enfeitiçara. Então foi que me dirigi a professora e com cara de contrariada pedi pra ir para sala pois não consegui gostar de nenhuma história.

A professora não gostou muito. Ela havia pedido para escrever sobre a história e como eu não havia lido, não ia fazer a tarefa que fora solicitada. Ela me segurou pelo braço e arrastou-me pela sala. Em seguida, me pôs sentada na cadeira. Murmurava coisas que eu não conseguia entender. Não chorei embora tivesse vontade. Mas naquele dia sabia que eu não agiria assim frente aos meus futuros alunos.

Poderia contar os mínimos detalhes, mas isso não importa mais. Sabe por quê me lembro bem dos fatos e em especial do último? Porque eles marcam, marcam a pele, marcam a alma... Você também poderia me perguntar se havia ficado com raiva da professora. Não, não! Não seria de mim. Ao contrário ela me ajudou, o fato em si me fez perceber a forma como lidamos com as coisas.

Esse recorte de memória me fez refletir a importância que as experiências com a leitura podem ou não desencadear uma boa relação com os livros estimulando o gosto pelo ato de ler. Chama atenção também para o fato da liberdade que a leitura confere na vida do sujeito, ou seja, a mesma é aceita com mais facilidade se incitada de forma natural, com possibilidades de escolha dos gêneros ou até mesmo formato do livro. O leitor deve se sentir

atraído pelo mediador, contexto de leitura e o material a ser lido, uma relação complexa e singular para cada um.

Nesse sentido, percebe-se a importância do papel do leitor na construção de suas práticas incorporando novos gestos e atribuindo sentidos distintos para cada leitura. Afinal, “[...] é o leitor, numa relação sempre dialógica com o objeto lido, quem produz e constrói o entendimento daquilo que lê, não existindo assim a leitura, mas as leituras” (PINTO, 2000, p. 78 - 79).

Já no ensino médio, os livros que se fizeram presentes na minha vida foram os livros didáticos. Não tinha o hábito de ler literatura e a escola na época não tinha muitos livros na biblioteca, nem o acesso aos estudantes era frequente. Embora a ausência de livros, lembro-me de um projeto intitulado *Gincana literária*, na qual era sorteado um clássico da literatura e as turmas tinham que fazer uma peça adaptada ao livro. As apresentações eram lindas e a escola toda se mobilizava nesse período. Um incentivo a mais para despertar o gosto dos alunos pela leitura, principalmente da literatura.

O período em que tive mais intimidade com a leitura foi na Universidade. Assim que ingressei no curso de Pedagogia não demorou muito para receber um convite da professora Roselusia Teresa, naquele momento, professora da disciplina Educação Brasileira, do respectivo curso, para participar de um Grupo de Pesquisa recém-criado em que cuja discussão central era a leitura. Senti a necessidade de ingressar como forma de adquirir novos hábitos. Sempre achei lindo, a prática de pessoas que leem e queria sentir o mesmo prazer ao ler uma obra.

A leitura passou a fazer parte da minha vida. E, a partir desse novo hábito houve uma motivação para diversas situações do cotidiano. As leituras de textos acadêmicos muitas vezes não tinham nada de prazerosas, mas as leituras dos poemas, crônicas ou contos lidos no Grupo me faziam repensar a maneira de ler o material acadêmico, procurando dar um novo sentido as minhas práticas bem como a busca, no texto, daquilo que estava procurando.

Ao ler as poesias literárias as emoções também foram modificadas, o interno e o externo são transformados. Há uma transformação no Eu, como enfatiza Márcia Abreu ao afirmar que “[...] a experiência da leitura literária nos torna mais humanos, desenvolvendo nossa solidariedade, nossa capacidade de admitir a existência de outros pontos de vista além do nosso, nosso discernimento acerca da realidade social e humana” (ABREU, 2006, p. 81).

No Grupo de Pesquisa tive vários momentos de partilha sobre as leituras que eram orientadas pela coordenadora. Os momentos de dinâmica despertaram o meu gosto pela leitura, principalmente os que envolviam um repertório de leituras literárias, entre eles, a

poesia. Esse foi o gênero que mais despertou a minha curiosidade. Possibilitou uma nova maneira de olhar e enxergar um texto, a vida cotidiana e as emoções. Dessa forma, “[...] a leitura, particularmente de obras literárias, participará então de um nível mais próximo do sensorial e das primeiras interações que permitiram a constituição dos limites de si mesmo. Ainda mais quando se trata de leitura em voz alta, e de poesia” (PETIT, 2009, p. 27).

O Grupo foi criado em 2016 tem como área predominante as Ciências Humanas e Educação. A principal linha de pesquisa inclui Leitura, história da leitura, as práticas de leitura e formação de leitores. Os estudantes pesquisadores se dividem entre os temas para a execução das ações. O RELICÁRIO tem como instituição parceira a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e a Universidade Federal do Rio Grande (FURG), ambas localizadas no Rio Grande do Sul.

Inicialmente integrava apenas estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia da UFS do campus de Itabaiana que se debruçaram em pesquisar o tema. Mas, aos poucos, pessoas de outros cursos e campus foram se associando ao grupo, como por exemplo, do curso de Artes, Enfermagem, Letras e Ciências Contábeis.

As atividades desenvolvidas são múltiplas, inclui leitura e discussão de textos acadêmicos ou literários, oficina de leitura, feiras de livro, escrita de artigos ou trabalhos para publicação em eventos. Todas essas ações são de suma importância para os acadêmicos, pois as experiências contribuem para formação profissional de modo singular para cada indivíduo.

Os encontros são esquematizados de forma que sejam trabalhados aspectos teóricos com base nas leituras dos autores e experiências de práticas literárias. Alguns encontros são discutidos os textos escolhidos pela coordenadora do projeto. Outros, são organizadas oficinas para confecções de cartões, escritas nos cadernos de memórias e organização da feira de livro. A ação intitulada como troca-troca de livros, até sua última edição, era realizada ao final dos períodos dos semestres letivos da UFS.

A minha participação no Grupo se iniciou desde as origens do mesmo, a partir de uma conversa com a coordenadora. O convite foi motivador e logo despertou meu interesse e de outras colegas que cursavam a mesma disciplina no mesmo período. Não demorou muito para que as ações pudessem começar. Logo foram marcados os primeiros encontros para discussão de leituras, uma certa “formação” com vistas a ampliar o repertório de conhecimento a respeito da linha de pesquisa. Os encontros eram feitos a cada quinze dias e quando houvesse necessidade a cada uma vez por semana.

A primeira pesquisa da qual participei se debruçou na investigação das práticas de leituras dos estudantes da UFS. A pesquisa intitulada "Práticas de leitura dos acadêmicos do

curso de Pedagogia (UFS): modos e uso de ler o impresso" tinha por principal objetivo consistiu em analisar as possíveis práticas de leitura dos estudantes do curso de Pedagogia, campus Prof. Alberto Carvalho.

Algumas etapas foram essenciais para o desenrolar da pesquisa como as leituras e fichamentos, o segundo passo foi mapear possíveis locais de leitura, pontos físicos de venda de livros, jornais e revistas ou clubes de leitura onde os possíveis leitores pudessem ter acesso aos livros. Tudo isso contribuiu para formulação de quatro eixos principais; onde lê? Como lê? Quando se lê? O que se lê? Esses eixos norteadores contribuíram para a investigação dos modos de ler dos estudantes. A coleta de dados utilizou-se de questionários sendo também uma das etapas essenciais e indispensável a qualquer trabalho acadêmico de pesquisa.

O ingresso no RELICÁRIO permitiu-me a experiência com o universo da pesquisa acadêmica, com a leitura e a escrita. Ao tempo em que ia desvendando práticas de leitores pude analisar e compreender as minhas próprias práticas. Acredito que para uma formação acadêmica de qualidade é fundamental a inserção do estudante em grupos de estudos e pesquisas. O ganho é tanto para a Universidade quanto para o aluno.

Com a realização desse trabalho, pude participar da semana acadêmica (SEMAC), uma semana destinada a apresentações das pesquisas realizadas num certo período como amostra dos resultados obtidos por meio da pesquisa. Nela apresentei o trabalho juntamente com a Orientadora e finalizamos essa etapa. Participei também do II Congresso Internacional de Educação (CONEDUC - UFS) no período de 01 a 03 de março de 2018. Um dos objetivos desse congresso visa a difusão de conhecimento na área de formação de professores.

O trabalho fruto dessa pesquisa apresentado no 27º Encontro de Iniciação Científica da UFS teve o resumo publicado como suplemento na Revista Interdisciplinar de Pesquisa e Inovação ³da Universidade Federal de Sergipe – RevIPI, conforme descrito na Chamada Pública POSGRAP/COPES/UFS 04/2017.

Outra ação que ganhou destaque e deu visibilidade ao grupo foi o *Troca-troca de Livros* com seis edições já realizadas até o início de 2020. O Troca-troca de livro consiste em um movimento, no qual o próprio nome supõe, na troca de livros novos ou usados. Por exemplo, o participante dirige - se até a mesa com a indicação dos diferentes gêneros textuais de livro faz a entrega do livro e escolhe outro de sua preferência. Após isso registra a troca em uma lista. Não existe uma quantidade mínima de troca. A ação é aberta à participação do público em geral e todas as edições foram realizadas no hall de entrada da UFS em Itabaiana.

³A revista eletrônica é indexada e está na publicação do volume 3. Acesso à REVUPI: <https://seer.ufs.br/index.php/revipi/index>.

Essa ação originou-se de um projeto realizado na Universidade Federal de Pelotas, no Rio Grande do Sul. O projeto de extensão denominado “Estação do livro” realizado pelo Grupo de Pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (HISALES), tem por principal objetivo proporcionar acesso ao livro e democratização da leitura literária. Dentre as suas ações estão, a distribuição de livros literários, troca-troca de livros, oficinas literárias e a constituição de acervo de livros infanto-juvenil. Eram disponibilizados no pátio da faculdade pontos de acesso de livro destinado principalmente a professores e crianças de escolas públicas e periferias urbanas.

Pode-se dizer que o projeto de extensão se estendeu ainda mais conseguindo atingir novos contextos. Uma semente foi plantada e gerou novos frutos. Fonte de inspiração para realidades semelhantes, a busca por um acesso mais democrático do livro. Oportunidade de ampliar o conhecimento por meio de novas leituras.

A partir desse Grupo, de tudo o que tive a oportunidade de vivenciar, das experiências, companhias e leituras, posso dizer que foi no RELICÁRIO onde aprendi a ler de verdade, de sentir o texto, de olhá-lo sob novas perspectivas. Até então, minhas experiências escolares negativas nunca despertaram meu gosto. O grupo foi um mediador, as histórias contadas por minhas colegas também.

Ah, não posso esquecer de citar a orientadora como grande influenciadora das minhas práticas. O seu brilho no olhar a cada poema lido era a chave que abria a curiosidade da minha imaginação. Tudo isso contribuiu também para o meu desempenho enquanto acadêmica, no tocante às leituras selecionadas pelos professores, as quais eram lidas com mais apreciação e atenção. As “marcas da leitura em mim” incluem todas essas minhas vivências sejam elas positivas ou negativas.

3 UM OUTRO OLHAR SOBRE A LEITURA: O QUE AS LEITORAS DO RELICÁRIO TEM A NOS DIZER?

A pesquisa contou com as seguintes etapas, desde as orientações, leituras, fichamentos, planejamento da coleta de dados, criação do questionário e entrevista, análise e a parte final da escrita. O percurso seguiu um caminho de incertezas e dúvidas, mas também de (re) construção das ideias referente ao tema da pesquisa.

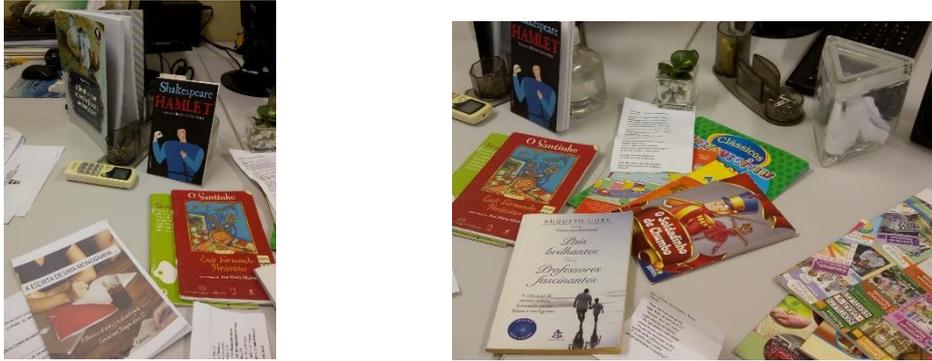
Os primeiros encontros para orientação partiram das ideias das quais preenchiam minha cabeça, o motivo pelo qual me inspiraria: a leitura. Com as leituras e os fichamentos pude decidir, afinal, que rumo seguir. Então, foi decidido escrever acerca das memórias leitoras das integrantes do grupo RELICÁRIO do qual participo.

Escolhido os objetivos, parti para a fase dos procedimentos metodológicos e a coleta de dados. Mas de início, pensei em uma oficina e como forma de obter informações prévias utilizaria o questionário como instrumento de dados. Então foi o que aconteceu. Na primeira fase, foi feita uma oficina intitulada “Trajetória leitora: as marcas da leitura em mim” como forma de registrar as memórias das estudantes.

A oficina contou com a presença de seis estudantes, todas integrantes do grupo RELICÁRIO e graduandas do curso de Pedagogia, porém de períodos letivos diferentes. Quatro delas participaram desde o início da atividade na oficina e outras duas chegaram já na parte da finalização. A mesma aconteceu no espaço acadêmico da Universidade Federal de Sergipe, espaço esse propício ao encontro, conforme roteiro de coleta de dados previamente estruturado.

Foi sugerido que cada uma pudesse levar livros que fizeram parte das suas leituras ou que estivessem lendo no momento. Todo o cenário foi pensado de forma a despertar a memória do leitor e assim, os objetos evocassem memórias individuais e coletivas, ao mesmo tempo. A seguir, a figura 01 apresenta a mesa composta por livros durante a oficina:

Fig. 01: Livros utilizados durante a oficina.



Fonte: Arquivos da autora, registrada na oficina em 2019.

Em um primeiro momento, comentei um pouco da minha história como leitora. Apresentei detalhes da minha vida desde a infância que me marcaram, com relação à leitura, os mediadores⁴ que passaram em minha vida e a importância dos mesmos na influência do meu gosto pela leitura. Depois, foi aberta uma roda de conversa sobre as histórias de vida e as marcas da leitura na vida daquelas pessoas como forma de compartilharem suas experiências.

Em seguida, as participantes ouviram a música *Eu* da dupla musical *Palavra Cantada*. Depois pedi que fizessem uma reflexão. Antes de responderem o questionário, selecionei uns trechos literários acerca de livro e de leituras para que fossem lidos pelas participantes. Dentre os autores mais conhecidos que foram selecionados para leitura nesse momento estavam: Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Leminski, Pablo Neruda, Mario Quintana, Fernando Pessoa, Machado de Assis e Ricardo Azevedo.

A pesquisa ainda contou com a segunda fase da coleta de dados, também ocorrida na Universidade, mas realizada de maneira individual, diferentemente da primeira fase que contou com a participação coletiva do grupo na modalidade de uma oficina experimental. Na segunda fase, optei pela entrevista dos sujeitos a fim de ser um instrumento que me permitisse ir “mais fundo” em suas memórias. Senti a necessidade de conversar individualmente com cada leitora como forma de coletar mais informações acerca das práticas de leitura de cada uma.

Nessa segunda etapa, o momento consistiu em uma entrevista sendo que esta permitiria maior clareza nos detalhes das falas bem como na coerência entre as respostas. Foi feita gravação das falas obedecendo todo um protocolo que requer uma pesquisa, desde o

⁴ Em seu trabalho, Saldanha apresenta a compreensão de mediação de leitura, e é esta que adoto para discussão: “[...] compreendemos a mediação como o envolvimento afetivo do professor com a obra literária e a realização de práticas de leitura com os alunos que incentivem e propiciem o diálogo entre o texto e o leitor” (p. 148)”. A definição advém SALDANHA, Diana Maria Leite Lopes. A formação leitora e de mediadores de leitura: uma experiência no Programa Bale. Mossoró, RN, 2013.

esclarecimento sobre a pesquisa até a apresentação e assinatura de consentimento das participantes para compor o grupo de sujeitos pesquisados.

À medida que fazia a pergunta, as entrevistadas iam respondendo, sem um tempo ou limite estipulado, à cerca do que lembravam e havendo necessidade houve interrupções e um novo questionamento era dado para maior esclarecimentos, embora poucas vezes isso acontecesse. Como as perguntas eram abertas e amplas, as mesmas estavam sujeitas a variações nas respostas não seguindo um caminho linear quanto ao tempo ou espaço.

Foi possível analisar a diferença entre os questionários e a entrevista, no volume de informação que esta última traz. Talvez na escrita no papel as lembranças não fossem aparecendo com tanta velocidade levando a consideração da dificuldade de algumas delas serem transformadas em palavras, assim como nos diz Artières (1998):

Quase tudo, em algum momento, passa por um pedaço de papel, uma folha de bloco, uma página de agenda, ou não importa que outro suporte ocasional sobre o qual vem se inscrever, numa velocidade variável e segundo técnicas diferentes, de acordo com o lugar, a hora, o humor, um dos diversos elementos que compõem a vida de todo dia”, não conservamos senão uma parte ínfima de todos esses vestígios (p. 1).

Embora haja uma diferença em relação a quantidade de informação, foi notável a coerência entre as respostas em ambas situações. No primeiro momento, puderam ser coletadas informações mais pontuais a respeito das práticas de leitura, mediadores, situações e livros. Já a segunda fase proporcionou um momento “mais íntimo” no qual cada participante foi entrevistado individualmente. À medida que iam sendo feitas as perguntas, as respostas fluíam conectando-se umas às outras.

Foi notável também que algumas situações eram descritas mais de uma vez, com alguns detalhes que se modificam, de modo que alguns aspectos eram acrescentados. Podemos entender que há diversas situações, algumas delas marcam muito mais que outras, e por isso, a facilidade em lembrá-las.

A maioria dos relatos mostraram que a leitura não era muito presente por falta da influência em casa e falta de acesso ao livro. Ou seja, em alguns casos não existiam o incentivo dos pais porque os mesmos não eram sujeitos leitores alfabetizados. Embora em outros casos, os pais contavam histórias orais tornando-se um ponto de referência para os filhos. Isso confirma a importância da família como um pilar fundamental no processo de aquisição pelo gosto do ato de ler.

A Universidade foi citada em algumas respostas como o local em que as práticas vivenciadas no RELICÁRIO mudaram a concepção que as integrantes tinham sobre a leitura, despertando o gosto pela mesma. As práticas de leitura tornaram-se importantes para o processo de formação das universitárias. Dessa forma, foi possível concluir que nesse local suas práticas se intensificaram.

Diversos gêneros textuais foram citados na entrevista como romances, cordel, autoajuda, religiosos e acadêmicos. Cada qual fez parte de um momento específico da vida dos leitores. As leituras acadêmicas e escolares, do ensino fundamental ou médio, para alguns caracterizam-se como sendo obrigatórias e enfadonhas. Já os outros gêneros citados, como os poemas por exemplo, foram descritos como leituras prazerosas.

A partir da análise das respostas dos questionários pude elencar três categorias de discussão. A primeira delas trata sobre a relação que se estabelece com o *suporte material do livro* (impresso, digital ou ambos), a segunda versa acerca dos *mediadores de leitura* e a terceira apresenta as práticas de leitura das estudantes entrevistadas, os modos de ler (o quê? Como? e Porquê lê).

3.1 “Cada um dos leitores produz uma imagem de si [...]”

Antes de apresentar as memórias das acadêmicas é importante frisar que suas histórias de leitura e até mesmo de vida são distintas. A partir dos contextos particulares dos sujeitos vão se produzindo *uma imagem de si* (Morais, 2014). Por isso, serão destacados os principais trechos que compreendem os eixos oriundos da análise dos questionários.

Os sujeitos entrevistados para este trabalho responderam a um questionário, o qual contribuiu para coleta de dados e conseqüentemente a análise das respostas. Primeiramente, apresentarei o perfil desses sujeitos e posteriormente as categorias que foram surgindo com base nas perguntas cujas respostas seriam *sim* ou *não*.

Todos os participantes pesquisados são do sexo feminino e pertencem ao grupo RELICÁRIO, sendo seis alunas vinculadas ao curso de Pedagogia. Cada uma recebeu um nome fictício de maneira que fosse preservada a identidade de cada sujeito. A faixa etária dos mesmos varia entre 24 e 43 anos de idade. As cidades onde residem são: Itabaiana (4), Macambira (1) e Nossa Senhora da Glória (1). Observe abaixo o quadro de perguntas e respostas:

Quadro 1 – Resposta do questionário com *Sim* ou *Não*.

Nome/entrevistada	Preferência/Livro: impresso, digital ou ambos	Presença e influência de mediador(es) de leitura	Contato frequente com os livros	As práticas se transformaram
Lúcia	Ambos	Não	Sim	Sim
Clara	Impresso	Sim	Não	Sim
Bella	Impresso	não	Não	Sim
Ana	Impresso	Sim	Não	Sim
Rosa	Ambos	Não	Não	sim
Maria	Ambos	Sim	Sim	sim

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir da pesquisa.

Como podemos observar no quadro ilustrativo acima, as perguntas do questionário cujas respostas eram *sim* ou *não* foram quatro: 1) refere-se à preferência pelo suporte do livro, impresso ou digital; 2) diz respeito a influência de mediadores de leitura; 3) questiona a existência do contato frequente com os livros; 4) procura investigar se as práticas se transformaram. As outras perguntas eram de cunho explicativo servindo de complemento para as demais.

Quanto a preferência pelo suporte digital ou impresso, três das seis entrevistadas responderam que preferiam o livro impresso. Já as outras três disseram que gostam de ler tanto no digital quanto no impresso, ambos os suportes eram os preferidos. Ao serem questionadas se suas práticas ao longo da vida foram influenciadas por algum mediador de leitura, três entrevistadas tiveram respostas positiva. As outras negaram a influência de mediadores.

As respostas com relação a pergunta que indica se as leitoras tiveram contato frequente com os livros não sinalizaram empate como nas duas perguntas anteriormente citadas. A maioria respondeu que não tiveram contato frequente com os livros, sendo 4 das 6 respostas negativas. Já com relação a transformação das práticas de leituras foi unanime a decisão. Todas as 6 participantes responderam *sim* à pergunta. Todas concordaram que a relação com o hábito da leitura foram se transformaram ao longo do tempo.

Durante a entrevista, as estudantes citaram o Grupo RELICÁRIO como um fator importante para retomada das práticas de leitura e até mesmo o gatilho que impulsionou o gosto pelo ato de ler. Já no questionário, não citaram especificamente o nome do grupo, mas algumas responderam que foi no âmbito da Universidade que puderam retomar suas práticas.

Com base na análise das respostas dos questionários e das entrevistas, vale ressaltar alguns pontos que mais se destacaram como por exemplo, as experiências de leitura

em casa, na escola e no RELICÁRIO, os livros e as práticas íntimas de cada leitor, os mediadores de leitura bem como as suas impressões. Tudo isso contribui para a formação da subjetividade de cada leitor, como afirma a seguinte autora “Cada um dos leitores produz uma imagem de si [...]” (MORAIS, 2014, p. 94). O conjunto de experiências se somam e formam práticas individuais e coletivas leitoras, uma vez que as histórias individuais alinham-se, encontram-se em uma rede coletiva de leituras compartilhadas e promovidas em "comunidade".

À medida que forem sendo apresentadas as falas das participantes busca-se entrelaçar os eixos destacados, não necessariamente na ordem que foram citados acima, mas de forma que haja coerência entre as ideias. Ficou evidente com a leitura das mesmas, que vez ou outra fatos são repetidos, ora citado de forma mais sucinta, ora com maior riqueza de detalhes.

Os relatos das estudantes, coletados por meio da entrevista acerca de suas práticas ao longo da vida, começando na infância até o período atual em que se encontram, revelam parte das suas memórias, ou seja, aquilo que mais marcou suas vidas. Cada uma delas vivenciaram práticas no contexto familiar e/ou escolar que contribuíram para formação do sujeito leitor que são hoje, do gosto por um determinado gênero textual, bem como pela preferência pelo suporte físico do livro. As mediações feitas por pessoas tornaram-se importantes para construção dos fatores citados anteriormente.

Livros lidos no período da infância e histórias contadas oralmente são difíceis de esquecer e percorre até a vida adulta. O contato desce cedo com o livro e as práticas iniciadas nas famílias são de suma importância para formação de sujeitos leitores, como ressalta Reis (2014):

Sabe-se que a formação do leitor começa muito antes da entrada das crianças na escola. O contato das crianças com os livros, de forma prazerosa ou não, com as histórias orais ou escritas, com os causos e outras marcas de leitura tem sido, ao longo dos tempos, um importante papel atribuído às famílias (REIS, 2014, p. 56).

Uma das perguntas iniciais da entrevista que merece destaque, questiona as memórias das práticas de leitura no decorrer da vida, do período da infância até o período da Universidade. As Acadêmicas responderam de forma que foram contando resumidamente aquilo que ficou de mais marcante. Dentre as respostas, destaca-se a estudante que denominarei de *Clara*. Segundo a mesma,

Na infância eu não... costumava ler muito... eu costumava mais ouvir histórias que... meu pai contava... e eram diversas histórias é... contos... histórias da vida pessoal dele... da trajetória de vida dele... nessa perspectiva... quanto no... no... período escolar... a professora... não me lembro dela ler... e... na universidade... é... minha concepção de leitura... mudou a partir de... de uma professora... que ela costumava começar as aulas recitando uma poesia... um poema... até então eu não tinha acesso a esse gênero textual... e... é... uma prática assim que eu gostei... me identifiquei e que eu costumo colocar... no... grupo da igreja que eu sou conselheira... costumo ler sempre ou ler e recitar... um... poema... uma poesia... porque eu acho que ... é muito... interessante essa prática... (Clara. Entrevista concedida à autora. Itabaiana-SE, 2019).

Nesse caso, a figura paterna foi a que mais se destacou em relação à professora na escola. As lembranças das histórias contadas pelo pai eram muito comuns, porém a leitura de livros em si, não costumava fazer parte das práticas de *Clara*. Na universidade, essas práticas ganharam força a partir da leitura de um determinado gênero textual, os poemas, que eram lidos pela docente citada no relato. E assim, surgiu a identificação pelas práticas de recitar poemas o que gerou uma ressonância em suas práticas dentro e fora do universo acadêmico.

Um outro sujeito da pesquisa a quem denominarei de *Maria*, em seu depoimento, ressaltou a escola como sendo a grande influenciadora de suas práticas. Diz também que ouvia histórias contadas pelo avô, mas que a presença de livros não era muito comum.

Então... é... ah... na escola... eu lembro assim... o que lembro... sempre lia... não... todos os dias a professora ao final da aula... ou ao final ou ao início da aula ela separava uma historinha pra ler com a turma... e assim o meu maior contato com a leitura foi na escola... em casa não muito assim... as vezes até minha irmã lia assim... mas não era muito... era mais assim... meu avô contava histórias... mas não era assim... com livros... a minha... meu contato com a leitura de livros assim... com a leitura impressa foi na escola através da professora... na época... (Maria. Entrevista concedida à autora. Itabaiana-SE, 2019).

Podemos observar nesse caso que o principal mediador, eleito em suas memórias, foi a escola. A leitura desenvolvida na sala de aula pela professora tornou-se um hábito frequente, pois era feita todos os dias. O contato frequente com a leitura contribui para uma maior aproximação do leitor com os livros. A figura da professora também foi muito importante, influenciou o hábito de ler na vida desse sujeito. Como ficou claro na fala da estudante a professora separava todos os dias, no início ou no final da aula, uma história para contar aos alunos.

Reconhecemos assim, a partir da fala de Maria, a figura central como sendo o professor. A autora Saldanha (2013) exemplifica muito bem o papel do professor como sujeito mediador de práticas de leitura, pois o mesmo se faz presente na vida cotidiana do aluno e afirma que a mediação desse profissional “[...] é fator determinante para a promoção da leitura, ele é chamado a assumir o seu papel mediador, tendo em vista que essa prática está presente constantemente na vida do indivíduo” (SALDANHA, 2013, p. 63).

O sujeito denominado *Rosa* não recorda de muitas leituras feitas na escola. As situações descritas são de momentos pontuais que teve no colégio. Cita um momento vivenciado no ensino médio como sendo a primeira vez em que conseguiu ler um livro em pouco tempo, uma vez que não possuía uma prática contínua de leitura, como percebe-se a seguir:

Bom... é... eu não recordo... não me vem à memória... muitas práticas que eu... é... tive na escola sobre a leitura... no entanto eu lembro que... eu cheguei a fazer um livro de história... era um livro assim... mais ou menos... na mente... eu fiz um livro foi com... é... papel sulfite né... mas assim leitura mesmo não recordo muito... mas eu recordo do que... eu li um livro... é... foi no tempo do colégio... eu estudava no ensino médio... foi assassinato na floresta... foi um livro que prendeu muito a minha atenção... foi a primeira vez que eu consegui ler... um livro... em pouco tempo... se eu não me engano eu li... em um ou foram dois dias... eu verdadeiramente devorei um livro... para uma pessoa que não tinha essa prática contínua de leitura... (Rosa. Entrevista concedida à autora. Itabaiana-SE, 2019).

Apesar de não ter tido muitas experiências com leitura durante o período da sua infância, no contexto escolar, o fato citado anteriormente foi marcante para o sujeito, pois o ato de ler realizado em pouco tempo tornou-se em um fator positivo. O gênero literário disponível contribuiu para “prender” sua atenção, como descreve na fala.

De acordo com Abreu (2006), as obras literárias nos conduzem à identificação com personagens ou lugares descritos na obra. Acrescenta ainda que, a experiência com a literatura nos permite enxergar outros pontos de vistas e discernimento acerca da realidade. Dessa forma, entende-se que o leitor ao imaginar - se em possíveis situações que são descritas são capazes de admitir outras situações, o que o faz sair de sua zona de conforto.

Outra participante a qual será denominada de *Bella* descreve como foi a sua relação com os livros na infância destacando aquilo que mais lhe marcou. Começa afirmando que seu contato com o livro nesse determinado período não era frequente.

Então... é... na infância não tive tanto contato com a leitura... porque em casa eu não tive é... como é que eu posso dizer... eu não fui incentivada a ler né... então na escola é... depois que eu troquei de escola... vim estudar no colégio Arco - íris eles trabalhavam com a leitura... eles tinham uma “cestinha” eu me lembro... que tinha vários livros e a gente podia escolher para ler... eu me lembro que o meu livro preferido é... nesse período lá na escola que eu sempre lia era João e Maria por conta da casinha de doces e... outro livro que me marcou bastante foi também no período que eu estudava o alfa II foi O circo do palhaço Cacareco que eu tenho até hoje e eu até com... no período agora da Residência [Pedagógica] eu utilizei ele com os meninos lá na escola porque eu sou apaixonada por aquele livro... (Bella. Entrevista concedida à autora. Itabaiana-SE, 2019).

O que chama atenção em sua fala é justamente o fato de o sujeito associar o pouco contato que teve com os livros com a falta de incentivo em casa, reconhecendo a importância de tais práticas desde o seio familiar. E cita uma prática realizada na escola como sendo um fator positivo e influenciador, a cestinha com livros disponível para os alunos escolherem a história que gostariam de ler. Revelou ainda que uma de suas leituras preferidas foi utilizada para contação de história no período da faculdade, enquanto participante de projeto de leitura. Isso nos faz refletir a importância dos livros na vida das pessoas.

Lúcia, recorda que desde pequena gostava de “olhar livros”, o que nos dá entender que mesmo antes de ler as figuras dos livros chamavam a sua atenção e esse folhear do livro, olhar as imagens, também consiste em um tipo de leitura. Porém, a mesma acredita que a fase em que passou a ler de “verdade” foi no ensino fundamental maior quando conseguiu ler um livro por completo.

Eu desde pequena gostava de olhar livros... Eu gostava muito de ver... as figuras que tinha nos livros... e gostava de ler as historinhas assim... no ensino fundamental menor... eu gostava muito de folhear os livros de Português... e as vezes eu repetia... várias vezes as mesmas historinhas... quando tinha aquelas historinhas de bichinhos... eu gostava muito... isso no meu ensino fundamental... aí no ensino fundamental maior... é que eu comecei a ler menos... mas aí eu fui virando adolescente... e eu comecei a ler livros mesmo... pegar o livro... e ler... o livro... completo... e... eu costumava ler... muito... livro de... autoconhecimento... mesmo... autoajuda... eu gosto muito de... me conhecer... e eu gosto de ler livro de... romance também... sempre teve muito presente na minha vida... (Lúcia. Entrevista concedida à autora. Itabaiana-SE, 2019).

Essa transição de olhar figuras e passar a ler um livro por completo possibilitou o acesso a leitura de diversos gêneros textuais. Esse contato com diversas obras ajuda no autoconhecimento do indivíduo uma vez que os diferentes textos abrem espaço para novas

perspectivas sobre a vida. Os livros de autoajuda e autoconhecimento ajudaram a leitora nesse processo.

A autora Petit (2009) com base em suas pesquisas afirma que, “[a] leitura de mitos e contos [...] permitem um vínculo com a tradição oral, com as histórias ouvidas na infância” (p. 79). Esse vínculo afetivo é que aproxima o sujeito de práticas leitoras e o faz entrar em contato com diversos gêneros e situações específicas.

A acadêmica *Ana*, recorda que o contato com os livros ocorreu bem antes da sua entrada na escola, por meio o acesso que tinha aos livros de seus irmãos que estudavam. Descreve sua relação com a professora e a leitura em sala de aula, destacando:

Então... na minha infância o contato com os livros... ocorreu bem antes... de eu entrar na escola porque eu começava a ler com os livros... que os meus irmãos estudavam... Depois que eu entrei na escola... eu lia muito o que... com a professora... foi a professora que me incentivava a ler... ela tomava a leitura como ela dizia todos os dias e... as vezes fazia cópias de lição também para reforçar a leitura... lia bastante em casa... é... Depois no... no ensino fundamental e médio eu lia também porque os professores gostavam... porque eu tinha uma boa... uma boa leitura... embora eu não gostasse muito porque eu era muito tímida... lia tipo “forçada”... Na universidade... eu já comecei conhecer as leituras acadêmicas... no início muito difícil de entender mais... que no final eu passei a gostar... (Ana. Entrevista concedida à autora. Itabaiana-SE, 2019).

A rotina de leitura da professora, nesse caso, embora desafiante para a leitora, tornou-se um incentivo para a aluna. No ensino médio os professores também a encorajava nas leituras. Esses são fatores positivos que acaba atraindo o leitor para perto dos livros. O único lugar que diz ser o mais difícil com relação aos níveis de exigência para leitura foi na Universidade, a qual tornava a leitura como “forçada”.

De acordo com Sales (2018) o desenvolvimento da leitura é contínuo sendo que esse hábito precisa começar em casa para então desenvolver-se na escola. Por isso, podemos perceber a importância das práticas familiares como base para o aprimoramento da leitura em outros espaços, principalmente no âmbito escolar.

Estas memórias são trechos do resumo daquilo que cada sujeito entrevistado vivenciou ao longo da vida assim como foi descrito em cada situação. Podemos perceber que ao apresentar as memórias as acadêmicas descrevem como surgiu o contato com os livros apresentando situações ou pessoas que as incentivaram.

Destacarei a seguir, as memórias das acadêmicas no RELICÁRIO e a importância que esse Grupo teve na vida das mesmas. São trechos que expressam aquilo de mais

marcante, os quais foram sendo lembrados durante a realização da entrevista de cada uma. A começar, aleatoriamente, pela acadêmica denominada *Maria*:

[...] um dos pontos que eu destacaria em qualquer momento seja no início do curso ou no final eu acho que o RELICÁRIO teve uma grande importância para mim e eu pretendo permanecer no RELICÁRIO enquanto eu tiver na UFS assim... eu não tenho nem o que falar... não tenho nem palavras pra falar assim porque... o contato que eu tive tanto no RELICÁRIO e o... o contato que o RELICÁRIO também me propôs é... através do RELICÁRIO que eu pude sentir... o troca-troca de livros... a experiência de... a experiência de construir... de fazer parte do evento te mostra... que você... tem a percepção de quanto as pessoas amam ler... daquela relação do... que as pessoa tem do livro assim... pra mim foi muito marcante... eu gostei muito... eu não tenho nem palavras pra falar do RELICÁRIO... (Maria. Entrevista concedida à autora. Itabaiana-SE, 2019).

A acadêmica *Maria* revela a importância que o RELICÁRIO teve para com suas práticas. A mesma diz que não tem nem palavras para expressar seu sentimento. A experiência com o troca-troca de livros é citada como marcante a qual fez perceber o amor que amor das pessoas pela leitura.

A acadêmica *Ana*, com relação à importância do Grupo também destaca:

Então... eu ingressei na... no grupo RELICÁRIO a partir de uma disciplina... de uma disciplina com a professora Rose... daí fui convidada a participar desse grupo... muito interessante por sinal... porque ele fala ainda mais da questão da leitura... quanto a leitura é importante na nossa vida... quanto ela é gratificante pra nossa formação pessoal... profissional é... e que... a todo momento é... nos mostrava e ainda nos mostra... quanto a variedade de leituras... de textos é importante pra... pra que a gente venha a entender... as questões... sociais... as questões religiosas... todos os tipos de questões... que tem que ter... é... boas leituras... ou seja... então... nas experiências que eu tive também dentro do RELICÁRIO foi... a questão da troca-troca de livros... porque eu vi o quanto é gratificante você ter um livro... poder... aquele fazer parte da sua vida e você ter a capacidade de fazer uma troca de... trocar de doar aquele livro... é como se fosse doando parte de você... então esse grupo é motivador... ao mesmo tempo... ele nos faz... refletir... o que somos e o que queremos ser... (Ana. Entrevista concedida à autora. Itabaiana-SE, 2019).

Ana deixa claro que começou a participar do Grupo de Pesquisa por intermédio de uma professora que a convidou para participar. Com base nas experiências que teve no grupo,

em especial na ação de troca-troca de livros, afirma a gratificação em possuir um livro. Diante do que foi mencionado pela mesma, fica nítido a relação estabelecida entre o leitor e o livro.

Acerca dessa ideia nota-se que “[...] todo leitor diante de uma obra a recebe em um momento, uma circunstância, uma forma específica e, mesmo quando não tem consciência disso, o investimento afetivo ou intelectual que ele nela deposita está ligado a este objeto e a esta circunstância” (CHARTIER, 1998, p. 70-71)”. Concordo com o pensamento do autor no tocante a relação estabelecida entre a obra e o leitor, o sentimento que é depositado nela estabelece um vínculo afetivo com o objeto.

Lúcia apresenta sua opinião acerca das oficinas e afirma ter aprendido “aquilo que é e aquilo que leu” no RELICÁRIO. Veja a seguir:

[...] eu gosto muito das oficinas... do RELICÁRIO... sabe... parece que é você sentir a leitura... sei lá... é uma coisa assim... muito gostosa mesmo... é uma sensação muito boa [...] então aquilo que... eu leio... e o que eu sou... eu aprendi isso no RELICÁRIO... (Lúcia. Entrevista concedida à autora. Itabaiana-SE, 2019).

Rosa também relata a importância do RELICÁRIO em sua vida fazendo uma comparação com a maneira que ela lia antes e após ingressar na Universidade.

É... eu entrei na faculdade com uma ideia de leitura... é... não que uma ideia... mais com uma certa prática... não tinha um hábito... tão grande de ler como eu tenho hoje... hoje eu leio livros que... que ninguém precisa me dizer que eu preciso ler... eu antigamente eu não tinha esse hábito... de leitura... hoje eu chego a comprar livros... hoje eu até quero ganhar livros... não era o meu gosto antigamente... é... eu entrei de uma maneira na universidade... que eu não lia tanto... é... estou concluindo... e hoje... meu nível de leitura é bem maior... e... em relação... ao RELICÁRIO... mudou muito as minhas leituras... o meu gosto... um olhar diferenciado pra leitura... (Rosa. Entrevista concedida à autora. Itabaiana-SE, 2019).

Não há dúvida de que as práticas de leitura de *Rosa* se modificaram, a mesma expõe que não possuía o hábito de ler e com a entrada no grupo isso se modificou. Foram várias as transformações quanto ao gosto e ao “nível de leitura”, como se refere, que é bem maior. Ou seja, com a mudança de práticas costuma ler livros com mais frequência.

Compreende-se que “[...] o ato de ler e, conseqüentemente, as práticas leitoras constituem-se em experiências diferentes para cada leitor, uma vez que são confrontadas, no momento da leitura, as experiências anteriores (SOUSA, 2014, p. 66). Cada pessoa, independente se compartilha de situações parecidas, reage às situações de forma diferente e

assim constitui o acervo de memórias individuais. O mesmo acontece para as integrantes do RELICÁRIO.

Bella, apresenta a diversidade de coisas que aprendeu no Grupo de Pesquisa, começa explicando sobre os diversos modos de leitura e conclui mostrando a suas experiências escolares com seus alunos a partir do que ela passou a compreender após sua participação no RELICÁRIO:

[...] o RELICÁRIO me fez ver que a leitura é muito mais do que o saber ler... tem muita coisa por trás da leitura né... é... os modos de ler... eu nunca parei para pensar sobre essa questão do... dos modos como as pessoas leem... para mim ela estava lendo de qualquer jeito ali sentada... deitada... pouco importava... mas eu vejo que é interessante você saber a forma como as pessoas leem é... o que elas gostam de ler né... é em compreender também que a leitura prazerosa como... eu como quase professora né... terminando o curso... que eu não devo obrigar os meus alunos só aquelas leituras que... eu imponho para eles lerem... eles tem que sentir prazer naquela leitura... eles têm que sentir prazer ao escutar eu contar uma história para eles então... tudo isso eu fui compreendendo no RELICÁRIO né... a importância de sentar com os meus alunos... [...] ... e é uma diversidade de coisas que eu aprendi no RELICÁRIO também... a feira de livros que eu nunca tinha participado de uma feira de livros onde a gente vai lá trocar os livros... também é muito interessante... nem tinha conhecimento desse tipo de feira para ser sincera... então é... foi um leque de coisas que aprendi... (Bella. Entrevista concedida à autora. Itabaiana-SE, 2019).

É interessante observar como a mudança do olhar da acadêmica sobre o que é a leitura, de como trabalhar tal prática, se expande para a sua vida profissional. Desse modo, ela percebe a responsabilidade que deve ter frente ao desenvolvimento de ações envolvendo a leitura.

Clara, afirma que a sua entrada no RELICÁRIO ajudou a superar algumas situações pessoais a qual estava passando e explica a relação que estabeleceu com o Grupo durante uma fase difícil de sua vida:

[...] na época eu conheci esse... o grupo... é... eu tava passando por um... vários... vários... crises pessoais... na igreja... em casa... aí na universidade eu tava com disciplina que eu não me identificava bastante... tudo tava ruim na minha vida... aí eu conheci o grupo... conheci pessoas que me ajudam a lidar com... com essas situações... (Clara. Entrevista concedida à autora. Itabaiana-SE, 2019).

Todas essas memórias demonstra a importância que as práticas de leitura, o contato com outros modos de ler bem como os mediadores tem para com a vida do leitor. A partir

dos comentários das acadêmicas isso ficou claro, como o contato com outras pessoas, outros gêneros literários implicaram na vida pessoa, profissional e acadêmica dessas estudantes. O trecho a seguir expressa essa muito bem essa relação, da vida com a leitura:

Nossas trajetórias e itinerâncias formativas são repletas de pessoas, leituras, saberes e experiências que se entrecruzam com outras tantas em diferentes tempos e espaços. Narrar, escrever, relatar nossas histórias de vida e de leitura (s) (muitas vezes inconfessadas) pode transformar nossas concepções e práticas (pessoais ou profissionais), num movimento movediço, imprevisto, dinâmico e criativo que não se esgota nos escritos (REIS, 2014, p.13).

Muito antes de serem questionadas com a pergunta final da entrevista acerca da importância do Grupo em suas vidas, as acadêmicas citaram o RELICÁRIO como sendo a porta de entrada que possibilitou novas experiências com a leitura, contribuindo assim na questão do gosto pela leitura.

Deixarei também o meu registro acerca das experiências enquanto membro do Grupo de Pesquisa. O meu percurso no RELICÁRIO possibilitou a compreensão das diversas formas de ler, de enxergar o outro e a vida. O meu gosto pela leitura foi despertado, pude rever minhas práticas e tratá-las com mais atenção. Reconheci o quanto elas foram significativas, principalmente na construção da leitora a qual me tornei. A minha perspectiva, com esse trabalho, é apresentar as práticas leitoras para que outras pessoas possam assim disseminar essas práticas possibilitando outras visões acerca do mundo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao me debruçar sobre esta pesquisa busquei recorrer às memórias das acadêmicas do curso de Pedagogia acerca das práticas de leitura vivenciadas desde o período da infância até o período atual. Com isso, foram apresentadas as transformações das práticas de leitura dessas leitoras demonstrando a importância principalmente do grupo RELICÁRIO bem como das famílias e dos contextos escolares em suas vidas.

De acordo com os fatos mencionados, fica evidente que o Grupo de Pesquisa contribuiu para o estabelecimento de práticas leitoras das acadêmicas. A maioria das entrevistadas citaram que o RELICÁRIO proporcionou inúmeras aprendizagens com o ato de ler. As novas experiências proporcionaram às acadêmicas um olhar diferenciado para com as práticas de leitura. Foi nesse espaço universitário que muitas receberam incentivo à leitura possibilitando assim a implementação de novos modos de ler.

As memórias familiares foram importantes para ajudar na compreensão das práticas de leitura dos sujeitos. Não somente a presença da leitura como também a falta dela, durante o período da infância, percorrem a memória de cada uma. A cada fase da vida a experiência anterior se confronta com um novo momento produzindo sentidos literários subjetivos.

Apesar da leitura ser um tema recorrente na sociedade, cuja importância de tal assunto torna-se evidente como podemos ver nas famílias, centros educacionais e na vida particular das pessoas, as acadêmicas se aprofundaram com o tema, não cabendo mais aceitar a superficialidade de somente entender o ato de ler, como uma prática de mera decodificação de símbolos. As oficinas, os referenciais teóricos e o contato com a opinião de outras pessoas as fizeram notar a complexidade de tais práticas.

Não foram somente as práticas que iam sendo reveladas, mas também as emoções, a cognição e o corpo, uma vez que para ter uma boa compreensão da leitura, conseguir os significados que nela são produzidos é necessário estar de “corpo inteiro” ou de “corpo e

alma”. Primeiro, os sentidos a recebe para que então o conteúdo seja internalizado. A forma como cada pessoa lê é fundamental para o entendimento de uma determinada obra.

Ao entrevistar as participantes do Grupo de Pesquisa RELICÁRIO fica evidente, ao longo de suas experiências desde a infância, das leituras feitas na escola ou na universidade, a situação e a forma como cada uma lia a depender dos contextos e das mediações feitas. Os gostos iam se revelando, se aprimorando e se modificando. Os livros impostos à leitura são considerados os mais “chatos” e que não traziam prazer nenhum ao ler. Os preferidos são frutos muitas vezes das experiências de práticas diferenciadas e que fizeram relação com a vida dos sujeitos não apresentando teor de obrigatoriedade.

A leitura permite o encontro com si mesmo bem como a compreensão do mundo exterior. Esse encontro é feito por meio das assimilações desencadeadas no momento da leitura, ou seja, as associações feitas, seja com base em textos fictícios ou reais. Isso porque o ato de ler é complexo, vai além da decodificação, é a descoberta, o encontro, a ruptura. Nessa ação estão imbricados também os códigos sociais e culturais levando em consideração não somente a subjetividade do leitor, mas toda uma relação com a vida.

Portanto as práticas de leitura constituem uma rede de ligações feitas a partir de diversos aspectos: culturais, sociais, cognitivos, biológicos, dentre outros. A condição material do livro impresso ou digital, as ações que precede o momento da leitura e os sentidos despertados por ela, tudo isso compreende a forma como o leitor se relaciona diante do livro, ou melhor diante do ato de ler.

Percebe-se, em virtude dos fatos analisados, que as acadêmicas não recordaram de fatos que ocorreram no período da infância, mais precisamente do período em que não estudavam ou então lembravam, mas sem riqueza de detalhes. A ênfase maior recaía acerca dos períodos escolares, religiosos e acadêmicos. As memórias de leitura positiva foram reveladas com mais facilidade pois configuram momentos prazerosos na qual a leitura se põe como um ato de liberdade e de experimentação de novas práticas, modos e usos de ler. As respostas quanto aos bons momentos foram mais densas enquanto que experiências consideradas negativas ou simplesmente como parte de uma rotina escolar apresentavam-se de forma simples e esporádica.

Os resultados dessa pesquisa revelam como os modos de ler de cada leitor são distintos, as formas que se apropriam do conteúdo da obra e que acolhe as experiências de leituras dos diversos contextos sociais ao longo da vida. As memórias de leitura de cada um são singulares e as experiências desde a infância até o período atual em que se encontram são

responsáveis por suscitar, muitas vezes, o gosto literário e até mesmo o suporte material do livro.

Com base nas discussões deste estudo, retomo a frase que utilizei como título de um dos capítulos: *cada leitor produz uma imagem de si*, para afirmar que as experiências escolares por si só não são capazes de fortalecer um vínculo entre o leitor e a leitura. Essa relação necessita de uma base, que pode ser a família ou outros espaços de sociabilidade. É a partir dos vínculos afetivos estabelecidos ainda na infância que os hábitos vão sendo criados. A escola torna-se um local onde tais práticas devem ser desenvolvidas com competência, porém em alguns casos relatados isso não acontece. Caso contrário, os métodos utilizados afastam os leitores. Tudo que o indivíduo experimenta ao longo de sua vida, no tocante ao ato de ler, corresponde à situação final em que os mesmos se encontram.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- BARROS, José D'Assunção. História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço. **MOUSEION**, vol. 3, n.5, Jan - Julho. 2009.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1998.
- CHARTIER, Roger. Do código ao monitor: a trajetória do escrito. **Estud. av.**, São Paulo, v. 8, n. 21, p. 185-199, Ago. 1994. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v8n21/12.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2016. 28 dez. 2019.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 49 ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. 5. ed. Campinas: Alínea, 2011.
- HALBWACHS, Maurice, 1877 - 1945. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo; Centauro, 2003. 224p.
- LE GOFF. **História e Memória**. 5º ed. São Paulo. Editora da Unicamp, 2003.
- MENDONÇA, Gismália Marcelino. **Manual de normatização para apresentação de trabalhos acadêmicos**. Salvador: Editora Unifacs. 2011. 80 p.
- MORAIS, Roselusia Teresa Pereira de. **Modos de ler o impresso: múltiplas escritas de leitores de Erico Verissimo capturadas na internet**. 2014. 220 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.
- NORA, Pierre. **Projeto História: Revista de Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC – SP**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP - Brasil, 1981.
- PALAVRA CANTADA. **Eu: Canções Curiosas**, 1998. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2cqcWHs7a_E. Acesso em: 2019.
- PERES, Eliane Peres; THIES, Vania Grim; RAMIL, Chris de Azevedo. **Livre acesso ao livro literário como forma de democratização da leitura: o projeto de extensão “estação do livro”**. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, RS, 2016.
- PETIT, Michèle. **A arte de ler: ou como resistir a adversidade**. [S.I] Editora 34, 2009.
- GUEDES-PINTO, Ana Lúcia Guedes. **Rememorando trajetórias da professora-alfabetizadora: a leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação profissionais**. 2000. 232 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2000. Repositório da Produção Científica e Intelectual

da Unicamp, São Paulo, 2000. Disponível em: <[http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/269703/1/Guedes - Pinto_AnaLucia_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/269703/1/Guedes_Pinto_AnaLucia_D.pdf)>. Acesso em: 29 jul. 2017.

REIS, Sara Menezes. **“E assim nos fizemos Leitoras”**: História de vida e de leitura de estudantes do PPGEDUC entre 2005-2010. 2014. 194 f. Dissertação de Mestrado - Universidade do Estado da Bahia - Faculdade de Educação. Programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade, Salvador, 2014. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=1029759>. Acesso em: 15 de dezembro de 2018.

RIBEIRO, Eliana. **Se eu orar**: Lancee Digital, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mvxr02bAvsI>. Acesso em: 22 ago. 2019.

SALDANHA, Diana Maria Leite Lopes. **A formação leitora e de mediadores de leitura**: uma experiência no Programa Bale. Mossoró, RN, 2013.

SALES, Adriana Azevedo Santiago. **Ensino de leitura**: concepções e práticas pedagógicas de professores dos 5º anos do ensino fundamental de uma escola pública de Cruzeiro do Sul – Acre. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Acre, programa de Pós - Graduação em Letras: Linguagem e Identidade. Rio Branco. 2018. 130 f. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6424847>. Acesso em: 02 de janeiro de 2019.

SILVA, Leila Cristina Borges da. **Práticas de leitura na infância**: imagens e representações. Campinas, SP: Autores associados, 2008.

SANTOS; LIMA; CONCEIÇÃO OLIVEIRA; OLIVEIRA. Leitores, livros e leituras: modos de ler dos estudantes do curso de Pedagogia (UFS). **Revista Interdisciplinar de Pesquisa e Inovação**. Vol. 3,n. 1, nov. 2017. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revipi/issue/view/611>. Acesso em: 08 de jan. 2018.

SOUSA, Rosangela pereira de. **Trajetórias formativas de professoras alfabetizadoras: memórias de leitura e práticas pedagógicas**. 2014. 203 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, 2014. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2224712>. Acesso em: 04 fev. 2020.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

CARTA DE CONCESSÃO

Eu, _____, estado civil _____, RG _____, CPF _____, declaro para os devidos fins que cedo os direitos das gravações em áudio e, posteriormente transcritas, que integrarão a escrita do trabalho de monografia, realizadas no período de julho de 2019, no espaço acadêmico, para a Discente Ana Karoline Almeida dos Santos, aluna do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe - UFS, Matrícula nº 201420014024, podendo usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, para a sua escrita da monografia, para efeitos de apresentação em congressos e/ou publicações desde a presente data. Abdicando direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Itabaiana -SE, julho de 2019.

Assinatura

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre Esclarecido



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

MEMÓRIAS DE LEITURA E PRÁTICAS LEITORAS

PESQUISADORES RESPONSÁVEIS:

GRADUANDA: Ana Karoline Almeida dos Santos.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Roselusia Teresa de Moraes Oliveira.

Prezado Discente,

Você está sendo convidado para participar, como voluntário de uma pesquisa em educação sobre memórias de leitura e práticas leitora. Antes de concordar em participar desta pesquisa é importante que compreenda as informações contidas neste documento. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte à responsável pelo estudo sobre quaisquer dúvidas, caso as tenha. Este estudo será conduzido pela graduanda Ana Karoline Almeida dos Santos, sob a orientação da pesquisadora responsável Profa. Dra. Roselusia Teresa de Moraes Oliveira. Após ser esclarecida sobre as informações a seguir e, caso aceite fazer parte do estudo, assine este documento impresso em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Se tiver dúvida você pode procurar o Comitê de Ética da Universidade Federal de Sergipe, ou a pesquisadora responsável por esta pesquisa. O objetivo desta é investigar como se dá a construção da trajetória leitora de acadêmicos da Universidade Federal de Sergipe, Campus Professor Alberto, Itabaiana - SE, com base em memórias de práticas de leitura. Diante do exposto, precisamos contar com a sua contribuição, como sujeito colaborador, no sentido de responder um questionário e a participação em uma oficina de leitura. É importante salientar que está garantido o direito de retirar o seu consentimento em qualquer etapa da pesquisa. Os encontros permitirão o compartilhamento das informações veiculadas no decorrer do estudo, dando oportunidade para que sejam incluídas ou retiradas informações durante toda pesquisa, bem como garantirá o sigilo dos dados fornecidos. Caso seja do interesse do sujeito colaborador, a divulgação das informações produzidas será

realizada com a sua autorização. O acesso aos dados brutos somente será permitido ao sujeito colaborador interessado, ao pesquisador e sua equipe de estudo e ao Comitê de Ética. Os sujeitos colaboradores desse estudo não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados da pesquisa forem divulgados.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu _____,
RG nº _____, abaixo assinado, concordo em participar da pesquisa. Tive pleno conhecimento das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo a pesquisa citada. Discuti com a pesquisadora Ana Karoline Almeida dos Santos sobre a minha decisão em participar desta pesquisa. Ficaram claros, para mim, quais são os propósitos da pesquisa, bem como os procedimentos de realização. Ficou claro também, que a participação é isenta de despesas. Concordo, voluntariamente, em participar desta pesquisa e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o processo. A retirada do consentimento da participação na pesquisa não acarretará em penalidades ou prejuízos pessoais.

Itabaiana, ____ de _____ de _____

Pesquisador responsável: _____

E-mail: _____

Fone: _____

Pesquisador colaborador(a): _____

E-mail: _____

Fone: _____

APÊNDICE C – Roteiro para oficina

Oficina: “Trajetória leitora: as marcas da leitura em mim”

Realização:

Local: Brinquedoteca do Campus Prof. Alberto Carvalho (UFS)

Data: (a definir)

Público alvo: Integrantes do grupo Relicário e estudantes em geral.

Resumo:

Esta oficina visa coletar os dados para uma pesquisa de conclusão de curso.

Pretende-se estimular os leitores rememorar suas trajetórias leitoras bem como dar sentido à suas experiências de vida. Os sujeitos poderão “viajar” no tempo, em suas lembranças, para revisitar lugares, pessoas e livros que marcaram sua história.

O intuito é promover espaços que possibilitem a fruição da leitura por meio de novas experiências.

Objetivos:

Analisar trajetória leitora de estudantes

Resgatar memórias de leituras

Socializar práticas de leitura e livros

Resultados esperados:

Espera-se, por meio dessa ação, promover um ambiente de difusão de práticas leitoras no qual os leitores possam trocar experiências, conhecer outras histórias e contextos sobre livros e leituras.

Roteiro

(Cenário com almofadas e mesa composta com livros)

De início será apresentada a música “Eu” do grupo musical palavra cantada. Nesse momento, os participantes deverão estar de olhos fechados enquanto a música vai sendo tocada. Depois é interessante que cada um possa compartilhar as sensações provocadas.

No segundo momento, os participantes (estarão organizados sentados em uma roda) poderão ir apresentando seus livros e suas histórias. O instrutor da oficina poderá ir fazendo pausas para a leitura de trechos literários.

Por último, faz-se necessário que cada um vá escrevendo em seus cadernos de memória os pontos marcantes sobre leitura na infância, perpassando o período escolar até a Universidade.

APÊNDICE D – Questionário (Procedimento metodológico 1 para coleta de dados)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

QUESTIONÁRIO

Dados Gerais:

Discente (opcional): _____

Sexo: Feminino () Masculino ()

Idade: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Curso: _____ Campus: _____

Quais os tipos de livros que mais chamava a sua atenção na infância?

- () poemas () contos de fada () fábulas
() livros religiosos () revistas () gibis ou quadrinhos
() outros: _____.

Você recorda ter tido algum mediador de leitura? Em caso de afirmação, cite e descreva quem era e como esse mediador influenciava na escolha dos livros ou leituras.

- () sim () não
() pais () professores () amigos () avós () tios
() outro: _____.

Você tinha contato frequente com os livros? Como se estabelecia essa relação? Explique.

- () sim () não

Cite o nome de um livro favorito na infância e outro que você tenha lido recentemente? O que esses livros fazem recordar? Quais os sentidos produzidos ao lê-los?

E na escola, as experiências de leitura eram positivas ou negativas? Comente ou descreva acerca de um fato que ficou marcado para você?

De que modo você lia na infância? Alguém lia? Quem e como lia?

- em pé sentado deitado
 em voz alta silenciosamente

Como são suas práticas de leitura atualmente?

O que lê (gêneros)

- jornais ou revistas romances
 textos acadêmicos (artigos, monografias, teses, etc.)
 religiosos autoajuda outro: _____.

Onde lê

- no ônibus em casa na faculdade no trabalho
 na biblioteca em espaços abertos (como praças, jardins, etc.)

Como lê

- sentado em pé deitado

Suporte

- digital impresso ambos

Você acha que suas práticas de leitura se modificaram ao longo do tempo? Em caso de afirmação, o que fez com que suas práticas pudessem se modificar?

sim não

APÊNDICE E – Roteiro para entrevista (Procedimento metodológico 2 para coleta de dados)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
LINHA DE PESQUISA: LEITURA
TÍTULO DA PESQUISA: MEMÓRIAS DE LEITURA E PRÁTICAS LEITORA
PESQUISADORES RESPONSÁVEIS:
GRADUANDA: ANA KAROLINE ALMEIDA DOS SANTOS
ORIENTADORA: ROSELUSIA TERESA DE MORAIS OLIVEIRA**

ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1. Comente acerca da sua trajetória leitora, da infância perpassando o período escolar até a Universidade?
2. Que práticas leitoras foram significativas para você durante sua trajetória como leitor?
- 3- Como essas práticas influenciaram seu gosto pela leitura?
3. Que livros foram lidos nesse percurso que marcaram a sua trajetória leitora? Quais as sensações ao lê-los?
4. Relate experiências positivas/significativas ou negativas de suas práticas de leitura e diga o período em que aconteceram (em casa, escola, ensino fundamental, médio ou Universidade)?
5. Você lembra ter tido algum mediador de leitura? Quem? Em quais momentos?
6. Descreva suas práticas de leitura:
 - a) Em casa.
 - b) Na escola:
 - Ensino fundamental
 - Ensino Médio
 - c) Universidade (antes e após sua entrada)
7. Descreva suas experiências no grupo Relicário sinalizando a importância do grupo em suas práticas leitoras.